

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA  
NÍVEL MESTRADO**

**ARILDO LUIZ MARCONATTO**

**DO VITAL AO MENTAL SEGUNDO DENNETT**

**São Leopoldo**

**2016**

Arildo Luiz Marconatto

DO VITAL AO MENTAL SEGUNDO DENNETT

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia, pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Adriano Naves de Brito

São Leopoldo

2016

### Ficha Catalográfica

M321v Marconatto, Arildo Luiz.  
Do vital ao mental segundo Dennett / por Arildo Luiz  
Marconatto. – 2016.  
61 f. : il. ; 30cm.

“Orientação: Prof. Dr. Adriano Naves de Brito, Ciências  
Humanas”.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio  
dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, São  
Leopoldo, RS, 2016.

1. Filosofia da mente. 2. Dennett, Daniel. 3. Ciência  
cognitiva. 4. Consciência - Filosofia. I. Brito, Adriano Naves  
de. II. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. III.  
Título.

CDU 165.12

Catálogo na Publicação:  
Bibliotecária Esp. Camila R. Quaresma Martins - CRB 10/1790

Arildo Luiz Marconatto

DO VITAL AO MENTAL SEGUNDO DENNETT

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia, pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Aprovado em (dia) (mês) (ano)

BANCA EXAMINADORA

Dr. Adriano Naves de Brito – UNISINOS

---

Componente da Banca Examinadora – Instituição a que pertence

Dra. Sofia Inês Albornoz Stein - UNISINOS

---

Componente da Banca Examinadora – Instituição a que pertence

Dr. Juliano Santos do Carmo - UFPel

---

Componente da Banca Examinadora – Instituição a que pertence

## RESUMO

Esta dissertação é uma síntese das principais teses defendidas pelo filósofo Daniel Clement Dennett ao longo de sua trajetória intelectual. A finalidade da dissertação é entender a relação entre as diversas teorias de Dennett e tentar interpretá-la como um todo coerente. Os conceitos que fundamentam a teoria do autor serão apresentados de forma sucinta e sequencial, buscando uma linha de ligação entre si. Ao final, argumenta-se que Dennett apresenta uma das mais importantes concepções teóricas para as ciências cognitivas contemporâneas, conectando o processo de surgimento e evolução da vida ao aparecimento da mente.

**Palavras-chave:** Daniel Dennett, evolução, ciências cognitivas.

## SUMMARY

This paper is a summary of the main arguments put forward by the philosopher Daniel Dennett Clement over his intellectual trajectory. The purpose of the dissertation is to understand the relationship between the various theories of Dennett and try to interpret it as a coherent whole. The concepts underlying the author's theory will be presented in a succinct and sequentially, seeking a connecting line between them. Finally, it is argued that Dennett has one of the most important theoretical concepts for contemporary cognitive science, connecting the process of emergence and evolution of life to the appearance of mind .

**Keywords:** Daniel Dennett , evolution, cognitive sciences.

## SUMÁRIO

<b>1 – INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>2 – DARWIN SEGUNDO DENNETT.....</b>	<b>8</b>
2.1 – Seleção algorítmica.....	8
2.1.1 – Crítica aos algoritmos e ao naturalismo.....	10
2.2 – Mindless.....	11
2.3 – Projetos acumulados.....	13
2.3.1 – Gerar e testar.....	16
2.4 – Estratégia intencional.....	19
2.5 – Sistemas Intencionais.....	21
<b>3 – CONSCIÊNCIA.....</b>	<b>25</b>
3.1 – O eu.....	25
3.2 – Consciência e atenção.....	28
3.3 – Construção da consciência.....	29
<b>4 – MENTE.....</b>	<b>33</b>
4.1 – Mente e corpo.....	33
4.2 – Linguagem.....	38
4.3 – Pensamento.....	41
4.4 – Moral.....	44
<b>5 – MEMES.....</b>	<b>48</b>
5.1 – Memes.....	48
5.1.1 – Crítica aos Memes.....	52
5.2 – Heterofenomenologia.....	53
5.2.1 – Crítica à Heterofenomenologia.....	55
<b>6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>56</b>
<b>7 – REFERÊNCIAS.....</b>	<b>59</b>

## 1 - INTRODUÇÃO

A ordem dos capítulos são uma tentativa de colocar uma linha conectiva no pensamento do autor, desde o surgimento e evolução da vida até o que consideramos ser o ponto mais elevado ou elaborado dos organismos vivos, o pensamento humano. Esta organização não pressupõe uma ordem preestabelecida ou uma finalidade para a vida e seu desenvolvimento.

Daniel Dennett é um filósofo materialista e esse materialismo vai aparecer nos diversos tópicos por ele abordado, especialmente nos temas relativos à ciência cognitiva, da qual ele é um dos principais expoentes contemporâneos. Para alcançar aspectos mais profundos de seus estudos de ciência cognitiva Dennett vai utilizar outras disciplinas como neurociência, psicologia, inteligência artificial, evolucionismo darwiniano, linguística, filosofia da mente, memética e a biologia.

Como outros estudiosos das ciências cognitivas, Dennett tenta solucionar o problema da relação entre mente e cérebro, problema que cada vez mais aproxima a sua filosofia da ciência. E é na ciência que Dennett busca grande parte dos embasamentos para suas teorias. Para o naturalismo ele utiliza principalmente a biologia e para o materialismo a neurociência. A biologia liga o ser humano e o desenvolvimento da mente de forma firme à natureza, sendo a mente o resultado da aleatoriedade do processo natural da vida. E o materialismo é buscado nos fundamentos científicos da neurociência, que espera não necessitar de nenhum argumento externo para explicar o funcionamento do cérebro.

Trazer a ciência para reforçar e reformular conceitos filosóficos e fazer com que as duas áreas dialoguem é um dos méritos de Dennett.

Para explicar a natureza do mental Dennett segue o naturalismo materialista, excluindo dessa forma as tentativas espirituais ou metafísicas, como um Deus ou uma alma que estariam por trás e comandando a mente. Sem as justificativas metafísicas, e em grande parte descartando as razões da psicologia, ele se aproxima da inteligência artificial para formular hipóteses e criar modelos de como pode ser o funcionamento da mente.

Outro campo de atuação de Dennett é tentar explicar os traços principais da consciência e do pensamento, que, segundo ele, são manifestações da natureza e do seu processo evolutivo.

Historicamente, o mental foi explicado de duas formas: A clássica explicação de Descartes separando a mente da matéria e dando a cada uma substâncias distintas. E a explicação dos materialistas, que uniram mente e matéria, sendo que a primeira seria uma manifestação da segunda. Dennett tenta fugir de ambas as explicações e busca trilhar um caminho em que as duas posições são mais uma posição metodológica do que um reflexo da realidade, pois nenhuma das duas conseguiu colocar um ponto final na própria argumentação nem conseguiu destruir de todo a explicação contrária. Em diversos momentos ele se posiciona como um materialista que consegue ver além da dura explicação físico-química do mental, colocando novos elementos, como os memes, que não dependem diretamente do mundo material, mas são influenciados e influenciam o mundo físico.

Dennett busca no mundo virtual da inteligência artificial um meio termo para situar a mente, que para ele se assemelha a um processo que acontece simultaneamente e que se relaciona ou coopera com outros processos ficcionais, que de uma forma ou outra são úteis e colaboram com o organismo em que se desenvolveram. O pensamento é algo como o resultado desse processo virtual agindo no substrato cérebro. Mas pode haver outros tipos de pensamentos que utilizem outros substratos.

O naturalismo materialista de Dennett enfrenta opositores e foi alterado em alguns aspectos ao longo de seus escritos, exporemos também algumas das críticas às teorias de Dennett, não em sua totalidade, mas um resumo das que o próprio Dennett deu importância em suas respostas.

No capítulo 2 exporemos o embasamento biológico do naturalismo de Dennett e a sua interpretação do darwinismo. A sua visão do desenvolvimento e da seleção natural como um algoritmo e as estratégias propagadas pelos seres vivos para se manterem como tais.

No terceiro capítulo, seguindo o projeto naturalista e materialista, apresentaremos a versão de Dennett de como surgiu e se manteve a consciência, bem como algumas de suas características principais como a atenção e a autoconstrução.

Na sequência, o quarto capítulo busca apresentar o surgimento da mente e da sua relação com o corpo, a importância da linguagem para o mental e alguns argumentos de como o autor entende a moral.

Finalizamos no quinto capítulo com os memes e a sua participação na constituição do elemento não físico-químico da mente, bem como a visão de Dennett sobre as possibilidades do conhecimento subjetivo e de como ele pode ser incorporado pela ciência.

## 2 – DARWIN SEGUNDO DENNETT

### 2.1 – Seleção algorítmica

Para dar um fundamento às suas teorias sobre ciência cognitiva materialista e naturalista, Dennett busca na biologia o princípio de todo o processo, e na interpretação da teoria evolutiva de Darwin encontra uma explicação razoável para o início da série de ações que culminarão na mente e no pensamento. Mas para que Darwin possa ser utilizado, ele tem que ser atualizado e algumas vezes adaptado. É nessa tentativa de adequação que Dennett insere o algoritmo como parte da seleção natural Darwiniana.

Um algoritmo é um conjunto de regras, um método, um procedimento, uma sequência finita de prescrições que levam à solução de problemas quando são alcançadas algumas condições iniciais. Como um algoritmo é uma série de ações formais, ele pode ser aplicado sobre diversas bases, sobre diversos substratos. Um algoritmo é uma sucessão de movimentos automáticos e simples que garantem um resultado e são independentes da matéria sobre a qual são aplicados.

Como exemplo de um algoritmo Dennett cita uma competição de cara e coroa. Se pensarmos nas possibilidades de uma pessoa jogar cara e coroa e acertar qualquer uma das duas em sequência uma dúzia de vezes, podemos achar essa probabilidade infinitamente pequena, mas se fizermos uma competição com centenas de pessoas, eliminando quem fizer coroa e classificando quem fizer cara, com certeza, no final do processo algorítmico, teremos um vencedor que terá acertado uma sequência de uma dúzia de caras. As regras da competição – classificar quem fizer cara, eliminar quem fizer coroa – são as regras do processo algorítmico. São simples, claras, podemos usar qualquer outro material que não a moeda, e no final, teremos garantidamente, um vencedor.

Dennett salienta que o algoritmo tem três características básicas:

“(1) *neutralidade de substrato*: [...] A eficiência do procedimento deve-se à sua estrutura lógica, não às eficiências causais dos materiais usados [...] (2) *irracionalidade subjacente* [...] uma decomposição monótona do processo em etapas simplíssimas [...] (3) *resultados garantidos*. [...] Um algoritmo é uma receita infalível”. (Dennett - 1998, p. 52 e 53)

Para o autor a tese do processo de seleção natural defendida por Darwin é um processo algoritmo, que vai acontecer sempre que certas condições forem reunidas,

e essas condições foram realmente reunidas no conjunto de ecossistemas de nosso planeta onde existe ou pode passar a existir vida.

“O poder da ideia darwiniana se origina da maneira como ela distribui a enorme tarefa do Projeto em várias quantidades de tempo e espaço, preservando os produtos parciais no processo”. (Dennett - 1998a p. 157):

Nós somos de certa forma, o resultado de uma longa cadeia de processos algorítmicos que deram certo. O que a maioria dos organismos vivos fazem desde que surgiram é apostar que o algoritmo que os formaram vai mantê-los vivo o suficiente para gerar descendência. Mas gerar descendência não é o resultado planejado do algoritmo darwiniano, a descendência é só o resultado de um algoritmo, não seu objetivo. De forma parecida, um gene não é um algoritmo, mas simplesmente um dos elementos do algoritmo evolutivo.

“A evolução pode ser um algoritmo, e ela pode nos produzir por um processo algorítmico, sem que seja verdade que a evolução é um algoritmo para nos produzir”. (Dennett - 1998a, p. 58)

As condições iniciais reunidas em nosso planeta são a variação, a hereditariedade e a adaptação. A variação é a existência abundante de diversos elementos. A hereditariedade é o processo de duplicação dos elementos vivos. E a adaptação é o processo de produção de cópias com certa diferenciação, que vai possibilitar a influência e ação recíproca entre a cópia e o ambiente.

Estando reunidas essas condições, com o tempo, é grande a probabilidade de ocorrer o processo evolutivo.

O processo de evolução-seleção algorítmica biológica tem um lugar definido, um tempo longo, circunstâncias adversas e relação com o ambiente desde as mais favoráveis ao organismo como às mais hostis à vida. Essas são algumas das condições necessárias para que o processo algorítmico possa existir, mas a partir do momento que existe, ele garante seus resultados.

Como os algoritmos podem ser utilizados em diversos materiais, é plausível que ele tenha sido funcional na seleção das primeiras moléculas de aminoácidos que surgiram a bilhões de anos atrás. A seleção natural é uma classificação algorítmica dos processos baseada em tendências e probabilidades das leis da física. O

resultante dessa classificação algorítmica tem uma estrutura e uma lógica e passam a fazer sentido porque funcionam.

Os algoritmos são um conjunto de ações sistemáticas e mecânicas que no processo seletivo vão se alimentando uns dos outros, meio às cegas e utilizando o acaso a seu favor.

### 2.1.1 – Crítica aos algoritmos e ao naturalismo

Chomsky critica diretamente algumas posições de Dennett e da sua interpretação mecanicista e materialista de diversos aspectos humanos. Diz que Dennett está buscando uma teoria de todas as coisas e que

“Dennett acredita que há ou deveria haver resultados substantivos sob algo que ele chama de “engenharia”, mas não está claro o que ele tem em mente; além disso, seu relato da discussão informal [...], sobre a qual sua explicação é em parte baseada, me parece muito equivocada, para dizer o mínimo”. (Chomsky – 2005, p.137)

Sobre o naturalismo expresso por Dennett, Chomsky expõe a seguinte crítica:

“Daniel Dennett escreveu que “uma das tendências mais felizes em filosofia nos últimos vinte anos tem sido sua naturalização”. Que a tendência seja proeminente é, sem dúvida, verdadeiro; que seja feliz, a mim parece questionável”. (Chomsky – 2005, p.152)

Chomsky criticando especialmente o entendimento de Dennett de que “a explicação filosófica de nossas mentes, nosso conhecimento, nossa linguagem precisa, no final, estar em unidade e em harmonia com as ciências naturais”, (Chomsky – 2005, p.152), faz os seguintes questionamentos:

“Quais as distinções entre as “explicações Filosóficas” e as outras, em particular neste sentido “naturalizado” da filosofia? E o que são as ciências naturais? Com certeza, não o que é entendido na atualidade, o que pode não ser “contínuo e harmonioso” com a física de amanhã”. (Chomsky – 2005, p.251)

Em resposta a essa crítica e sobre a incapacidade da ciência de interpretar de forma coerente a formação e o funcionamento da mente Dennett rebate a visão de Chomsky dizendo que

“Um jeito ligeiramente menos radical de apoiar a mesma visão defensiva é aceitar que a mente é, afinal de contas, apenas o cérebro, que é uma entidade física comprometida com todas as leis da física e da química, mas insistir que,

não obstante isso, ela desempenha suas tarefas usando meios que desafiam a análise científica. Essa ideia foi sugerida muitas vezes pelo linguista Noam Chomsky". (Dennett - 1998a p. 384)

## 2.2 – Mindless

Para fugir da tentação metafísica e continuar no materialismo naturalista, Dennett tem que afastar o fantasma de um Deus criador ou de uma mente superior que cria e comanda o processo evolutivo e de seleção natural. Para isso ele expõe a perigosa ideia de Darwin.

Um dos termos utilizado por Dennett para definir o processo de seleção natural é "Mindless", que nas traduções para o português foi definido por um termo pouco esclarecedor no contexto e que pode gerar confusão: irracional. A ideia central é muito mais do que não ter ou ser contrário a uma razão ou ter uma razão menor. A ideia é que o processo não tem uma mente subjacente, não tem uma mente que exista antes do processo e dê a ele um sentido, um rumo ou um objetivo. Não existe um planejamento ou uma idealização por trás da evolução, muito menos um planejador.

Essas séries de ações do processo que buscam um resultado são rudes, pouco desenvolvidas e de nenhuma inteligência, mas muito lentamente esses movimentos evolutivos e de seleção percorrem enormes distâncias. Não existem milagres. Chegar ao ponto mais elevado – onde supostamente estamos – foi o resultado de um caminho sem glamour, áspero, rústico, automático, mecânico e obviamente algorítmico. E cada pequena etapa foi erguida e montada sobre a etapa anterior.

O processo de seleção natural não tem um objetivo, ele não existe para produzir o homem ou a razão, ele simplesmente existe, sem finalidade, sem uma mente metafísica que dê uma ordem ou um propósito ao mesmo, ele é cego, sem um propósito e mecânico.

Algoritmos não têm crenças, algoritmos têm processos.

Nós não somos a finalidade do processo, nós somos o resultado, como diversos outros. O processo de seleção natural não é inteligente e não existe nenhuma inteligência por trás dele, mas ele é inteligível e Darwin tem até agora a melhor opção de interpretação desse projeto. A importância do processo está nele mesmo, e não fora dele. Não existe uma essência inerente à vida, se existir uma essência, seja qual for, ela é o resultado do processo e não o gerador. O motor inicial desse processo físico é físico.

“Aqui, portanto, está a perigosa ideia de Darwin: o nível algoritmo é o nível que melhor explica a velocidade do antílope, a asa da águia, a forma da orquídea, a diversidade das espécies e tudo o mais que nos intriga na natureza. É difícil acreditar que algo tão irracional e mecânico como um algoritmo possa produzir coisas tão maravilhosas. Não importa o quão impressionantes sejam os produtos de um algoritmo, o processo básico consiste sempre em nada mais do que um conjunto de etapas individualmente irracionais, sucedendo-se umas às outras, sem ajuda de qualquer supervisão inteligente”. (Dennett - 1998a p. 61)

O mundo vivo desenvolveu, de forma aleatória, a si próprio, com os poucos recursos das leis quase constantes da física, seguindo avanços e procedimentos graduais, por bilhões de anos. A lógica nos diz que houve um início que gerou resultados, um início que conseguiu se replicar, mas é também muito provável que houve muitos outros inícios parecidos que não geraram nada, ou ao menos nada que pudesse gerar uma constante que permitisse a replicação. A vida foi adquirindo aos poucos as suas propriedades, desde a mais ínfima molécula até o mais elaborado processo neuronal que possibilita os pensamentos. A teoria de Darwin consegue explicar o crescimento e a mudança desse mundo vivo.

Como Dennett detalha, explicando porque acredita que nossa mente é um cérebro às avessas, feita de muitos robôs, uma construção sem construtor:

“na teoria da qual devemos tratar, a ignorância absoluta é o artífice, de modo que podemos declarar como princípio fundamental de todo o sistema o seguinte: para criar uma máquina bela e perfeita, não é necessário saber como criá-la”. (Dennett - 2013, p. 125 e 126)

Da ignorância absoluta podemos chegar à capacidade criativa, e se fizermos o processo contrário, os fundamentos da criatividade estão em bilhões de acontecimentos absolutamente ignorantes. Uma construção que não tem um construtor nem projeto, uma máquina sem um fabricante, mas com inúmeros operários com capacidade de realizar algo sem entendimento do que estão realizando.

Uma quantidade muito pequena de um conjunto de peças moleculares promove o funcionamento de uma primeira estrutura orgânica. Uma estrutura sem propósito consciente, sem personalidade, sem inteligência, mas com um algoritmo que lhe dará a possibilidade e a probabilidade de se replicar em um processo muito próximo ao mecânico.

Além de se replicar, esse pequeno robô se replica de maneira errada, com falhas, se diferenciando do original, caso contrário a evolução não seria possível. O

erro na replicação gera a possibilidade adaptativa. Do erro pode surgir um avanço adaptativo ou, na pior das hipóteses o fim da linha reprodutiva. O erro pode destruir a descendência ou criar o novo.

A seleção natural tem algumas preferências – não necessidades - como a rapidez, a força, a adaptabilidade, o grande número da prole, o nicho ecológico, a proteção, e diversos outros fatores que de uma forma ou de outra facilitam a sobrevivência dos selecionados no ambiente em que sobrevivem. Nesse contexto, a mente racional provavelmente foi um erro da natureza - pois somente nós humanos a possuímos - que ao criar o novo por um processo não conduzido por uma mente, jogou essa criação no grande oceano ácido da seleção natural. E provavelmente ela foi selecionada justamente por isso, por apresentar um elemento único e inédito, mesmo contra todos os prognósticos das preferências apresentadas pelos outros seres que tinham dado bons resultados nas seleções anteriores.

Mas nem todo o erro no processo é um avanço ou um retrocesso, muitas das mudanças não têm um aproveitamento definido. As mudanças podem ser inúteis, insignificantes, inviáveis, sem peso e valor de influência no processo.

Dennett apresenta a seguinte versão:

“Dê-me ordem [...] e tempo, e eu lhe darei o projeto. Deixe-me começar com a regularidade – a regularidade sem propósito, “mindless” e sem objetivo da física – e eu lhe mostrarei um processo que acabará produzindo coisas que exibem não só regularidade como um projeto intencional”. (Dennett - 1998a, p. 68)

### 2.3 – Projetos acumulados

Como não existe uma mente organizadora por trás dos planos da natureza eles têm que ser o resultado de um processo de acúmulo e descarte no fluxo de tempo e espaço. Dennett, dessa forma, continua interpretando Darwin para explicar o processo, dando a esse último o status de descobridor da arquitetura da natureza.

O design darwiniano é o resultado de uma grande quantidade de projetos acumulados gradativamente dentro dos limites da capacidade de cada organismo ao longo do tempo, em ambientes geralmente hostis e competitivos. Os resultados foram sendo eliminados ou sedimentados em cada espécie e em cada espécime, definindo a sua concepção física, funcional e formal.

Usando o processo evolutivo da seleção natural, Dennett tenta responder ao problema das quatro causas propostas por Aristóteles, a saber: Causa material, formal, eficiente e final. Para essas perguntas teleológicas tanto Aristóteles como as grandes tradições religiosas dão uma resposta, dizendo que a causa final, a razão de ser de todas essas causas é Deus, mas desvendar os propósitos de Deus é outro mistério a ser desvendado.

Como descobrir os propósitos de Deus é uma questão incômoda e difícil de ser abordada, as pessoas substituem o porquê pelo como e respondendo o como Deus fez o universo, acreditam estar respondendo à pergunta teleológica do porquê Deus fez o universo. As cosmogonias existem também na física contemporânea, sendo a mais conhecida a hipótese do Big Bang. Tanto as cosmogonias religiosas antigas como as cosmogonias físicas contemporâneas não respondem o porquê da teleologia da existência do universo.

Dennett acredita que Darwin trouxe uma nova maneira de responder esse por que teleológico:

“A ideia de Darwin nascera como uma resposta às perguntas da biologia, mas ameaçava vazar, oferecendo respostas – bem-vindas ou não – para dúvidas existentes na cosmologia (de um lado) e na psicologia (de outro). Se o reprojeto podia ser um processo “mindless”, algorítmico, da evolução, por que o processo todo não poderia ser o produto da evolução, e daí por diante, *até embaixo*? E se a evolução irracional pode ser responsável pelos artefatos surpreendentemente inteligentes da biosfera, como os produtos das nossas mentes “reais” poderiam estar isentos de uma explicação evolutiva? A ideia de Darwin, portanto, também ameaçava se espalhar *até em cima*, desfazendo a ilusão de nossa própria autoria, nossa própria centelha divina de criatividade e compreensão”. (Dennett - 1998a, p. 66)

Darwin, dessa forma, inverte, destrói, deturpa ou ao menos possibilita uma nova interpretação da ordem cosmológica, da psicológica e da teleológica estabelecida, em grande parte, pela história da filosofia. Essa é a perigosa ideia de Darwin, pois até então a organização e o projeto, em suas diversas interpretações, iniciavam em algum Deus.

É moeda corrente nas interpretações da história da filosofia de que Copérnico possibilitou a passagem do teocentrismo para o antropocentrismo, pois Darwin fixou o homem ainda mais na terra e nos colocou solidamente no mundo animal. Aceitar que somos o resultado, sem objetivos, e não o princípio da organização, é um golpe muito pesado que até hoje é mal digerido.

Outro golpe duro que Darwin possibilita é a interpretação de que, ao menos em grande parte, nossa mente é o resultado de diversos outros projetos acumulados pela natureza ao longo do tempo. Nossa mente é possibilitada pelo desenvolvimento do nosso cérebro, e nosso cérebro é possibilitado pelo acúmulo, desenvolvimento e variação natural de diversos outros cérebros desenvolvidos pela natureza. Nas palavras de Dennett:

“Mas a ideia de tratar a Mente como um efeito e não como uma Causa Primeira é revolucionária demais para alguns – um “terrível exagero” que suas mentes não conseguem acomodar confortavelmente”. (Dennett - 1998a, p. 69)

O neurocientista português Antônio Damásio também pensa de forma parecida:

“Como os eventos mentais/cerebrais são certamente produto de uma longa história de evolução biológica, faz sentido incluir as evidências evolucionárias nesse exame. [...] Considerando que os eventos mentais/cerebrais são possivelmente os fenômenos mais complexos da natureza, a necessidade de um enfoque especial não deve ser vista como excepcional. [...] O que é possível e necessário, por enquanto, é uma aproximação teórica gradual fundamentada em novas evidências empíricas”. (Damásio – 2013, p.383)

Nossa mente não é somente um dos diversos resultados da seleção natural e do acúmulo de projetos desenvolvidos pela natureza, ela é, aparentemente, o projeto mais elaborado desses processos pelas diversas capacidades nela contida. Muito tempo e energia foi gasto pela natureza para chegar ao projeto de nossa mente, e no caminho muitos outros projetos pereceram ou foram eliminados pela seleção natural. Nossa mente continua no topo, não como finalidade, mas como capacidade.

“No esquema de Darwin, como na Pirâmide tradicional, as Mentes de fato acabam perto do topo, entre as entidades mais planejadas [...]. Mas isso significa que elas estão entre os *efeitos* mais avançados (até hoje) do processo criativo, e não – como na antiga versão – que sejam a sua causa ou origem”. (Dennett - 1998a, p. 73)

### 2.3.1 – Gerar e testar

O processo evolutivo, além de ser um acúmulo de projetos, tem que ter por trás uma metodologia, uma lógica de funcionamento que explique de forma mais simples

possível os seus resultados. Dennett encontra no gerar e testar uma explicação bastante convincente do conjunto de métodos da seleção natural.

Todas as estruturas orgânicas, desde as mais simples às mais complexas, necessitam de um ou vários elementos que interligados servem para monitorar o que acontece dentro e fora do organismo. Esses sistemas de percepção nos organismos mais complexos servem para diferenciar, discernir e distinguir o que está perto e o que está longe no espaço e no tempo.

“Os filósofos tentaram muitas vezes analisar a percepção nos dados e no que é então feito com os dados pela mente. Os dados são, é claro, coletados, mas a coleta de dados não é algo feito por um único Mestre Coletor localizado em algum quartel-general central do cérebro animal”. (Dennett - 1997, p. 78)

Não existe um centro de percepção, existem milhares, milhões de receptores de dados internos e externos, conectados entre si em rede e conectados com o cérebro quando necessário. O cérebro não recebe todas as informações do corpo, recebe as que são fundamentais para as funções que ele desempenha, como todos os outros órgão, e o grande número de informações que o cérebro recebe são em forma de uma configuração coerente de impulsos neurais. As informações que circulam pelo corpo costumam ter endereço certo, e nem todas tem o cérebro como objetivo principal.

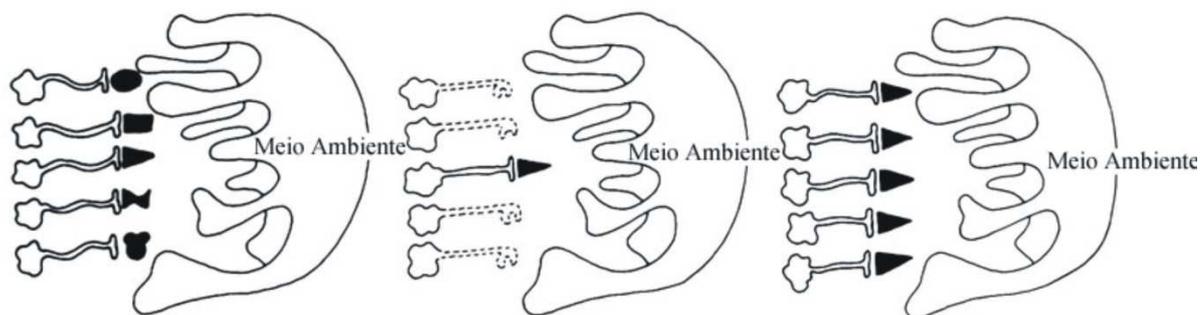
Para Dennett, o que possibilitou essa organização complexa do que ele chama de intencionalidades, foi o processo de seleção natural. E para entender melhor esse processo ele criou uma simplificação em quatro estágios que ele chamou de Torre de Gerar e testar:

“Conforme cada um dos andares da Torre vai sendo construído, ela autoriza os organismos daquele nível a encontrarem movimentos cada vez melhores, e a encontrá-los com mais eficiência”. (Dennett - 1998a, p. 390)

O primeiro estágio da torre é representado pelas criaturas darwinianas:

“Uma variedade de organismos candidatos foram cegamente gerados por processos mais ou menos arbitrários de recombinação e mutação de genes. Esses organismos foram testados em campo, e só os melhores projetos sobreviveram. Este é o andar térreo da torre”. (Dennett - 1998a, p. 391)

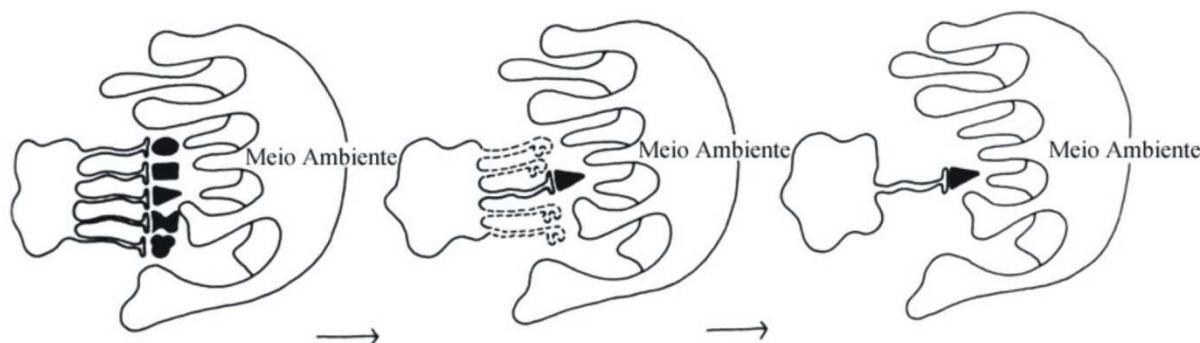
Conforme ilustra a imagem abaixo:



(Imagem: Dennett - 1998a, p. 390)

As criaturas darwinianas desenvolvem diferentes fenótipos, que são selecionados pelo meio ambiente, e o genótipo selecionado é o que consegue se multiplicar.

O segundo estágio da torre de gerar e testar são o que Dennett chamou de criaturas skinnerianas, representadas pela figura abaixo:



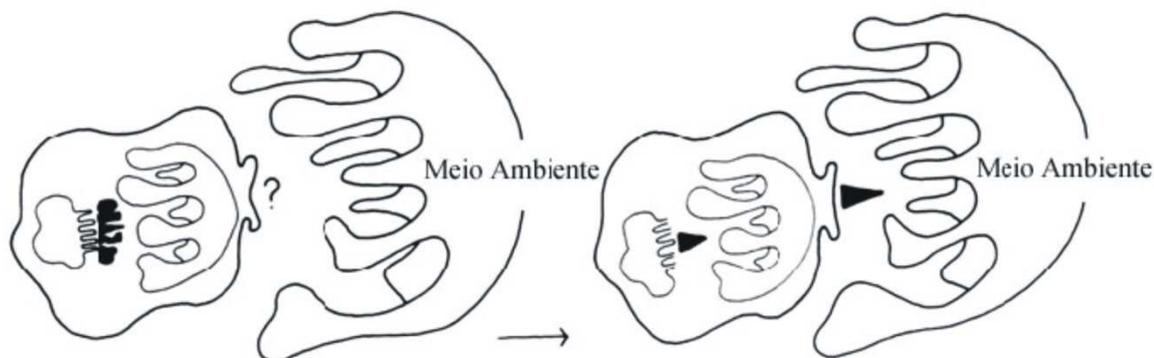
(Imagem: Dennett - 1998a, p. 391)

Nesse estágio, surgem organismos

“Equipados com “reforçadores” que por acaso favoreciam os Movimentos Inteligentes, ações que foram melhores para seus agentes. Esses indivíduos, por isso, enfrentaram o ambiente gerando uma variedade de ações que experimentaram uma a uma, até descobrir a que funcionava”. (Dennett - 1998a, p. 391).

Assim, os organismos skinnerianos tem em si diferentes respostas para um mesmo ambiente e elas às testam aleatoriamente, quando uma dessas respostas tem bom resultado, e beneficia o organismo, ela é reforçada e acumula maior importância sobre as outras, da próxima vez, no mesmo ambiente, o organismo tende a utilizar a resposta reforçada e se beneficiar da vantagem que ela proporcionou. Esse tipo de organismo representa um avanço, mas pode ser eliminado se a sua primeira escolha não for apropriada para possibilitar a sua sobrevivência no meio ambiente.

O terceiro tipo de organismo, segundo a classificação de Dennett, são os organismos popperianos, representados pela figura abaixo:



(Imagem: Dennett - 1998a, p. 392)

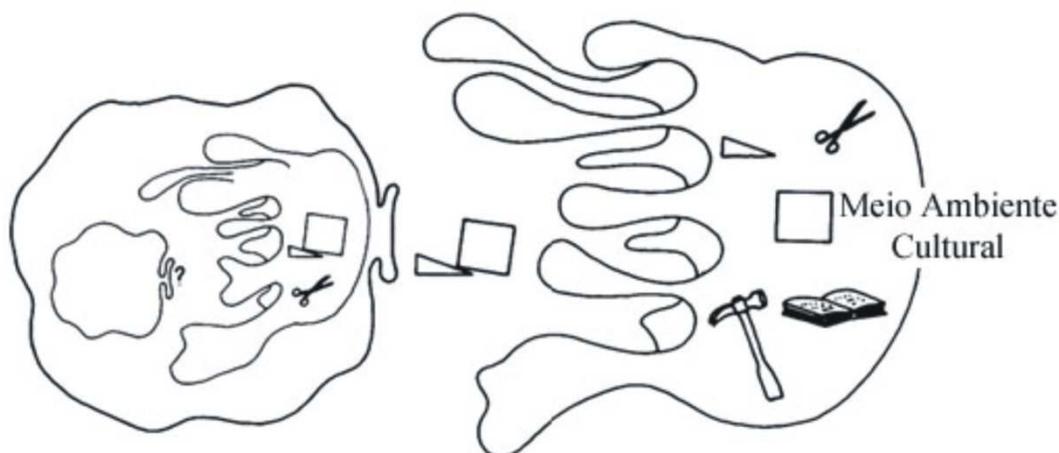
Os organismos popperianos tem a capacidade de pré-selecionar

“entre todos os comportamentos ou ações possíveis, eliminando as opções realmente estúpidas antes de arriscá-las no mundo cruel. [...] as criaturas popperianas sobrevivem porque são inteligentes o bastante para fazer os primeiros movimentos sem ser por acaso”. (Dennett - 1998a, p. 392)

Elas possuem um conjunto de características interiores que observam o meio ambiente e escolhem a melhor opção de ação entre as diversas possíveis. Esses organismos devem ter em si a capacidade de guardar informações sobre as leis ou constâncias da natureza.

O quarto e último estágio da torre de gerar e testar são, segundo Dennett, representados pelos organismos gregorianos, o nome é uma referência ao psicólogo Richard Gregory.

Os organismos gregorianos “são aqueles cujos ambientes internos são informados pelas porções *projetadas* do ambiente externo”. (Dennett - 1998a, p. 394) Esses organismos são representados na figura abaixo:



(Imagem: Dennett - 1998a, p. 394)

Organismos gregorianos, como os seres humanos, têm a capacidade de criar instrumentos e com isso transmitir informações e conhecimentos para o mundo exterior, essas informações e conhecimentos podem ser recuperados de forma interativa, isso dá ao organismo uma grande vantagem no processo de seleção natural. Usar utensílios para executar alguma tarefa dá aos seus utilizadores maiores poderes, inteligência e capacidade. Quanto mais elaborado for o instrumento, provavelmente maiores habilidades terá o organismo que tiver a competência de manipular o instrumento. Uma das principais ferramentas desenvolvidas pelos seres humanos, e que lhe dá capacidades não encontradas no restante da natureza, são as palavras.

#### 2.4 – Estratégia Intencional

Após explicar o método, o como, Dennett, seguindo seu projeto naturalista materialista, tem que encontrar um porquê, um fundamento, um propósito para dar uma razão para a natureza fazer o que faz, ele busca esse propósito na estratégia intencional.

Dennett assim a define:

“Para uma primeira aproximação, a estratégia intencional consiste em tratar ao objeto cujo comportamento se quer predizer como um agente racional com crenças e desejos e outras etapas mentais que exibem o que Brentano e outros chamam de intencionalidade”. (Dennett - 1987, p. 26 e 27 - tradução nossa)

A atitude ou postura intencional é o artifício de tentar explicar o comportamento de qualquer coisa vendo-a como se suas ações, escolhas, crenças e desejos fossem governados de modo racional. Nós fazemos isso rotineiramente em relação às outras pessoas. Nós nos compreendemos em nossas relações pessoais tratando a nós mesmos e aos outros como seres dotados de atitudes intencionais.

O objetivo da postura intencional é que ela na maioria das vezes nos ajuda a prever, explicar e entender as ações da entidade à qual ela se direciona. A postura intencional nos dá o benefício de poder fazer previsões sobre qualquer tipo de entidade.

Dennett explica da seguinte forma como funciona a atitude intencional:

“Primeiro se decide tratar o objeto cujo funcionamento temos que prever como um agente racional; na sequência deduzimos que crenças deve ter esse agente racional, dada a sua posição no mundo e seus objetivos. Depois se deduz que desejos esse agente teria que ter, seguindo as mesmas considerações; e por fim se prevê como esse agente racional atuará para conseguir suas metas conforme suas crenças”. (Dennett - 1998b, p. 28 e 29 - tradução nossa)

Descobrimos o que o agente deveria fazer podemos prever o que o agente fará.

Nós fazemos isso diária e rotineiramente, mas de forma não metodológica e incompleta. Quando entramos em contato com algo novo geralmente tentamos detectar o que é, para que serve e quais os objetivos desse algo. Quando atingimos parte dos objetivos do conhecimento damos o algo por conhecido, mas obviamente não temos o conhecimento total, temos somente os conhecimentos mais importantes ou relevantes segundo as crenças e desejos de nossas atitudes intencionais.

Nós usamos rotineiramente as estratégias intencionais para atribuir crenças e desejos a outros sistemas intencionais e para prever condutas desses sistemas, mas usar uma estratégia intencional é algo bem diferente de entender como essa estratégia funciona.

A estratégia intencional não é um método que leve ou busque a perfeição ou à verdade, é um método de execução, de funcionalidade e praticidade. Quando acreditamos conhecer as crenças de algo tendemos a acreditar que nossas crenças sobre esse algo são verdadeiras. “Portanto, uma dedução da estratégia intencional é que os verdadeiros convictos acreditam principalmente em verdades”. (Dennett - 1998b, p. 30 - tradução nossa)

A atitude intencional é a atribuição a algo das crenças que acreditamos que esse algo deveria ter. E atribuímos crenças e desejos a algo conforme acreditamos que essas crenças e desejos sejam boas para esse algo. “De maneira mais informativa, atribui desejos de coisas que um sistema acredita que sejam os melhores meios para atingir os fins a que ele aspira”. (Dennett - 1998b p. 30 e 31 - tradução nossa)

## 2.5 – Sistemas Intencionais

A estratégia intencional é a forma, mas essa forma tem que ser aplicada a uma matéria natural, conforme o pensamento de Dennett, que vai aplicar a forma da estratégia intencional para chegar aos sistemas intencionais que são os indivíduos e sua cognição.

Um sistema intencional é um conjunto de elementos cuja maneira de se comportar é possível de ser prevista de maneira confiável através da estratégia intencional.

O senso comum entende por intencionalidade o significado de algo. A intencionalidade seria a relação da palavra com o seu referente, o sobre o que estamos falando, o pensamento seria a intencionalidade do objeto. Mas Dennett não entende a intencionalidade dessa forma, para ele a intencionalidade, depois de Darwin, tem que vir de baixo, ela se inicia nos processos algoritmos aleatórios e destituídos de raciocínio das primeiras moléculas que conseguiram se organizar e se replicar. O desenvolver desse processo algorítmico é que vai dar significado, interpretação e discernimento a ele.

“Somos descendentes de robôs, e compostos por robôs, e toda a intencionalidade que desfrutamos é derivada da intencionalidade mais fundamental desses bilhões de sistemas intencionais grosseiros”. (Dennett - 1997, p. 54) “A intencionalidade derivada pode ser derivada da intencionalidade derivada”. (Dennett - 1997, p. 55)

O darwinismo considera a intencionalidade a partir do dinamismo da sucessão do tempo. A intencionalidade é histórica e vai crescendo gradualmente com o passar dos anos. O tempo agrega funcionalidade e objetivos para a intencionalidade.

Nós, seres humanos, acreditamos agir conscientemente de forma intencional após termos refletido sobre se nossa ação é boa ou má, mas isso é mais uma crença do que uma verificação científica, pois geralmente somos influenciados por

preferências que são moldadas pelo ambiente e pela cultura. Mas para os primeiros organismos vivos, as macromoléculas, ou os menores organismos vivos que compõem o nosso organismo vivo, as células, não existe esse suposto agir consciente, eles tem razões, objetivos, intencionalidades algorítmicas, mas não consciência. São essas intencionalidades algorítmicas que compõem o nosso organismo, elas são a base e dão base para tudo o que somos.

O princípio e a base dos organismos vivos obedecem sistematicamente padrões de comportamento. Seus sistemas de controle são sensíveis e eficientes o suficiente para manter a sua homeostase e possibilitar a sobrevivência e a replicação. E quando falham e não são destruídos pela falha, tendem a se adaptar e repassar essa adaptação aos seus descendentes.

Damásio, em seu livro *E o cérebro criou o homem*, concorda com Dennett nessa questão, e citando o autor estudado nessa dissertação afirma:

“Os organismos unicelulares também parecem ter intenções e praticamente nesse mesmo sentido. Em outras palavras, nem o cérebro como um todo nem o organismo unicelular tenciona algo deliberadamente com seu comportamento, mas o modo como funcionam dá essa impressão. Essa é mais uma razão para negarmos o abismo intuitivo entre os mundos mental e físico. Nesse aspecto, pelo menos, ele não existe”. (Damásio – 2013, p.120)

Nós somos sistemas intencionais e como tal fazemos diversas escolhas, algumas boas e outras más, diversos fatores vão influir para definir se a escolha será boa ou má. No processo de seleção, a racionalidade surge como um instrumento avançado para ajudar o indivíduo a fazer boas escolhas. Aqueles indivíduos que geneticamente não foram dotados da capacidade de fazer boas escolhas em determinadas situações, ao longo do tempo foram deixando menos descendentes e tenderam a se extinguir. O inverso também tende a ser verdadeiro.

A racionalidade presente nos sistemas intencionais é a atribuição ao sistema de uma racionalidade perfeita que vai constantemente sendo revisada conforme as circunstâncias do sistema. Ou seja, partimos do princípio de que um determinado sistema intencional acredita e conhece todas as implicações de suas crenças e que vai eliminar as partes contraditórias de seu sistema de crenças. Mas esse é somente o ponto de partida, o processo de conhecimento vai criando e eliminando crenças, bem como as relações entre elas.

Assim, um sistema intencional depende de seus pensamentos sobre os quais vai fazer suas escolhas.

“É esta dependência que cria todas as oportunidades de confusão, práticas e teóricas. Do ponto de vista prático, a melhor maneira de confundir um sistema intencional particular é explorar uma falha em suas maneiras de perceber ou pensar sobre o que quer que seja que ele precise pensar a respeito”. (Dennett - 1997, p. 40)

Descobrir as falhas de outro sistema intencional é um dos instrumentos mais utilizados na natureza para garantir a própria sobrevivência.

Não existe sistema intencional livre de falha, a imperfeição faz parte do conjunto. O defeito é que traz a possibilidade de acertos. Identificar a falha e o acerto é um dos papéis das teorias.

Um sistema intencional age conforme a seu entendimento próprio das circunstâncias. Uma boa ou má explicação de um sistema intencional vai depender do conhecimento que temos do entendimento do sistema intencional a ser explicado. Para antever como um sistema intencional vai agir devemos conhecer aproximadamente os desejos e as crenças desse sistema. Aproximadamente, pois a perfeição no conhecimento de um sistema intencional é algo muito difícil de ser alcançado.

Tratar algo como um sistema intencional é diferente de tratar algo como se esse algo estivesse refletindo sobre o que está fazendo. A reflexão é uma condição generalista humana, um instrumento recente no processo evolutivo e muito provavelmente é um dispositivo que se encontra somente nos humanos. Usar a postura intencional é algo bem diferente de antropomorfizar. Possivelmente somente os humanos são sistemas intencionais reflexivos, mas isso não exclui a possibilidade de haver outros sistemas intencionais reflexivos e não humanos. De forma geral, os outros sistemas intencionais não humanos agem de forma irrefletida, eles não têm ideia do que estão fazendo, eles tem motivos algorítmicos para fazer o que estão fazendo.

“É importante reconhecer a realidade objetiva dos modelos intencionais discerníveis nas atividades dos seres inteligentes, mas é também importante reconhecer a falha e a imperfeição dos modelos. O fato objetivo é que a estratégia intencional *trabalha tão bem como pode*, o que não é a perfeição. Ninguém é perfeitamente racional, ninguém tem uma memória perfeita, ninguém é um observador perfeito ou invulnerável à fadiga, ao mau funcionamento ou à imperfeição do desenho”. (Dennett - 1998b, p. 37 e 38)

É muito mais funcional e explicativo dizer que máquinas e animais são sistemas intencionais do que aplicar a eles uma racionalidade que, provavelmente, ainda pertence somente aos humanos. Se aplicarmos racionalidade a máquinas e animais, teremos também que nos preocupar com a consciência e a moral dessa aplicação. Aplicar a atitude intencional simplifica a organização que fazemos para o exame, avaliação e críticas filosóficas.

Grande parte do sistema que somos também não tem ideia do que está fazendo, ele simplesmente faz porque foi programado por algum algoritmo para fazer o que está fazendo. Os 150 gramas de cada um de nossos rins não refletem que a essência da sua existência é filtrar o sangue, e não significa ou interpreta de maneira diferente a amônia, a ureia ou o ácido úrico que tem que eliminar. Cada uma das partes que nos compõe enquanto organismo vivo tem uma tarefa a realizar e a realiza mecanicamente da melhor forma possível.

O sistema nervoso central dos humanos apresenta alto grau de sofisticação e complexidade e utiliza esse alto grau de sofisticação para coordenar e controlar os sistemas de recepção de informação do restante do corpo. Esse sistema complexo precisa processar e avaliar as informações recebidas.

“Mas a medida que os sistemas se tornam mais ricos desde o ponto de vista perceptivo e mais versáteis desde o ponto de vista da conduta, se faz mais e mais difícil fazer mudanças nas conexões verdadeiras do sistema com o mundo sem modificar a organização do sistema mesmo. Se modificar o ambiente, ele vai notar, e produzirá uma mudança no seu estado interno como resposta”. (Dennett - 1998b, p. 40)

Entender melhor esse estado interno é um dos objetivos do próximo capítulo.

### **3 – CONSCIÊNCIA**

Após defender suas teorias sobre o surgimento e evolução da vida, até chegar ao ser humano como um sistema intencional, Dennett, seguindo seu naturalismo

materialista, se propõe a explicar o eu, a consciência, baseado-a em diversas partes subpessoais, impessoais e sem consciência, mas com intencionalidade.

### 3.1 – O eu

Em Descartes a mente aparece como algo distinto do corpo e facilmente acessível pelo seu portador, o eu individual, que cada um de nós carrega e com o qual a maioria se identifica. Essa forma cartesiana de interpretar a mente e o eu mediante uma capacidade de introspecção perfeita foi aos poucos sendo corroída. Para Dennett a mente como um fluxo de atividade constante e sequencial não é a regra, mas a exceção.

Conforme Dennett:

“Na maioria das espécies que existiram, não existe nenhuma necessidade de uma causação <mental> e, portanto, não evoluiu nenhuma capacidade elaborada para a observação de si mesmo. Em geral as causas funcionam perfeitamente na obscuridade, sem necessidade de que ninguém as observe, e isso vale tanto para as causas que operam no cérebro dos animais como em qualquer outro lugar”. (Dennett - 2004, p. 278 - tradução nossa)

Mas à medida que os animais, em especial o ser humano e seus ancestrais mais próximos, vão aumentando o seu leque de comportamentos e diversificando as atividades que possibilitam a sua sobrevivência, ordenar essas atividades tornou-se algo valioso para a seleção natural.

O aumento de comportamentos necessários ou desenvolvidos pode ter beneficiado ou permitido a expansão de indivíduos com a capacidade de examinar várias e diversas formas de agir antes de se decidir por uma delas. Dessa forma surgiu a capacidade muito mais elaborada de projetar o resultado de cada uma das diversas ações e escolher a que fosse mais proveitosa em cada uma das ocasiões.

Outra mudança produzida e que teve grande impacto, ou foi o definidor das capacidades dos indivíduos conseguirem controlar e compreender de forma consciente os próprios comportamentos e os comportamentos dos outros, foi a comunicação.

A comunicação favoreceu as estruturas de controle e entendimento do próprio indivíduo e de seu ambiente. A atividade comunicativa possibilita ainda transmitir a si mesmo e aos outros os planos de ação e comunicar também o porquê de cada uma dessas ações. Ela permite saber e avaliar os resultados das próprias ações, através

de um diálogo ou comunicação interna, e das ações dos outros através da comparação da expressão do plano e do seu resultado. Comunicar a si mesmo o projeto da ação propicia a análise e comparação da intenção e dos resultados.

“Nossos antepassados descobriram classes inteiras de comportamentos criativos para ajustar o comportamento dos outros ao seu e para supervisionar e modular as tentativas recíprocas de ajuste de seus próprios controles de comportamento por parte dos outros (e, se necessário, resistir a eles)”. (Dennett - 2004, p. 281 - tradução nossa)

Um organismo, para desenvolver as capacidades que a comunicação possibilita, necessita de instrumentos de fiscalização e monitoramento que o mantenha ciente dos projetos, das ações escolhidas e dos resultados obtidos. Esse instrumento de comunicação e diálogo interno é a base para o surgimento do eu.

Esse processo possibilita mudanças e adaptações constantes e inter-relacionadas onde a riqueza e profundidade da comunicação vai sendo desenvolvida a partir do descobrimento de novas utilidades para as palavras.

A analogia de significados desse processo coevolutivo é que possibilita o eu, pois proporciona uma imagem limitada do que acontece em nosso cérebro.

“Oferece essa imagem aos demais, e a *nós mesmos*. Na realidade, nunca teríamos chegado a existir – como eus que <habitam uma complicada maquinaria> [...] – se não fosse pela evolução prévia de interações sociais que requerem que cada animal humano crie em seu interior um subsistema desenhado para interagir com os outros. Uma vez criado, esse subsistema poderia interagir também consigo mesmo em diferentes momentos. [...] As pessoas se convertem no que pensam que são ou no que ela descobre que os outros pensam que ela é, num processo de negociação que não cessa”. (Dennett - 2004, p. 281 - tradução nossa)

Nós desenvolvemos a habilidade de perguntar e responder perguntas, de dar e pedir razões, e essa capacidade nós podemos dirigir a nós mesmos, o que nos torna únicos nesse tipo de ação. Quando conversamos sobre o que fazemos temos que ter uma ideia razoavelmente clara do que é que estamos fazendo para que possamos responder a perguntas sobre nossos atos, ou seja, a linguagem exige atenção. Ela nos ajuda a estar atentos também sobre nós mesmos, a estar alerta e perceber que existimos.

Mas o eu desenvolvido não tem o controle ou o conhecimento de todo o organismo, como gostaria Descartes. O eu é somente o topo do iceberg, a parte aparente, comunicável, percebível e demonstrável, pois boa parte do que o eu é, faz

e sabe, vem de estruturas muito mais profundas que são realmente as que geralmente fazem a maquinaria toda iniciar o processo. Essa maquinaria mais profunda está em contato com nossos pensamentos em um processo de interrelação, sem que uma defina totalmente a outra em um processo simples de causa e consequência.

O eu é uma espécie de espaço de relação, negociação, conversação e algumas vezes de tomada de decisão entre a maquinaria mais básica do nosso organismo e o que chamamos de pensamento consciente. Esse espaço de relação não é homogêneo ou democrático e muitas vezes não tende para a racionalidade, pois ele depende de muitos fatores tanto internos como externos, fatores esses que são de difícil conhecimento e entendimento.

“Uma *pessoa* tem que ser capaz de se manter em contato com as intenções passadas e as intenções previstas, e uma das funções principais da ilusão de si mesmo que tem o usuário do cérebro, a qual eu chamo <eu como centro de gravidade narrativa>, é oferecer a *mim* um modo de interagir comigo mesmo em outros momentos”. (Dennett - 2004, p. 285 - tradução nossa)

O conteúdo mental, o eu consciente, se faz consciente quando ganha a competição entre diversos outros conteúdos mentais pelo controle do pensamento ou do comportamento. Usar a linguagem para conversar consigo mesmo é uma das formas utilizadas por conteúdos para se sobressair sobre os outros e controlar temporalmente o eu consciente.

Para Dennett o nosso eu não é a *res cogitans* cartesiana, o nosso eu é

“Essa organização da atividade competitiva do cérebro entre uma multiplicidade de competências que nosso corpo desenvolveu. Você conhece <automaticamente> essas coisas que ocorrem em seu corpo, porque se não o fizesse, não seria o seu corpo. Os atos de que você pode falar, e as razões que estão por traz deles, são suas porque você as criou... e porque elas criaram você. Você não é outra coisa do que o agente de cuja vida pode falar. Pode falar dela conosco, e também com você mesmo”. (Dennett - 2004, p. 286 - tradução nossa)

Isso é o que fazemos, isso é o que somos.

### 3.2 – Consciência e atenção

Não temos consciência de muitas coisas que vivemos. Não experimentamos de forma consciente muito do que sentimos. Grande parte das nossas sensações – provavelmente a maior parte – não é contabilizada, nós não sentimos essas sensações, não temos consciência de que elas existam. Nós não temos acesso à

maior parte das nossas sensações. Nós percebemos muito mais do que experimentamos.

A consciência é consciência somente daquilo que acessamos, daquilo que podemos acessar. Não existe consciência das partes, existe consciência do todo a que temos acesso. Existe pessoa consciente e não a consciência em partes dessa pessoa. A consciência do que temos acesso aparenta ser a consciência da totalidade, mas só aparenta, pois a consciência não acessa a totalidade. Provavelmente consciência é a atenção que damos a uma parte de que temos acesso desse todo que sentimos ser.

Conforme Dennett (1999, p. 214): “Nós não temos acesso a muitas coisas às quais as diversas partes de nossos sistemas nervosos têm”. Assim, o que expressamos sobre nossas experiências não pode ser tomado como indefectível e não podemos considerar nossa expressão sobre nossas experiências como livre de defeitos. Nossas experiências têm traços de objetividade, mas não é a objetividade completa.

É grande a chance de que exista em nós diversos “eus” que se revelam nas diversas situações da nossa vida, muitos desses “eus” se apresentam diferentes conforme as circunstâncias e condição em que estamos. A sensação de que somos um só pode ser desencadeada pelo fato de que geralmente nossos conteúdos mentais – o que está tomando nossa atenção em um determinado momento – também costumam ser um só, mas isso não significa que não existem outros conteúdos mentais, como explica Dennett:

“Conteúdos mentais se tornam conscientes [...] por vencer as competições com outros conteúdos mentais pela dominação do controle do comportamento, e, portanto por obter efeitos duradouros [...]. E como somos conversadores, e como conversar conosco mesmos é uma das nossas atividades mais influentes, uma das maneiras mais eficientes de um conteúdo mental se tornar influente é ficar em posição de dirigir as partes do controle que utilizam a linguagem”. (Dennett - 1997, p.140)

A atenção pode ser um ponto determinante da nossa consciência, ou seja, a nossa consciência está onde está nossa atenção. Para corroborar com essa tese usa-se muitas vezes o fato de que somente podemos realmente prestar atenção em um determinado tema. Provavelmente seja impossível para seres humanos colocar sua atenção em mais de um foco. Mesmo quando alguns indivíduos dizem conseguir se ater a dois ou três focos ao mesmo tempo, possivelmente o que eles fazem é mudar

o foco da sua atenção muito rapidamente. Mesmo assim, geralmente a qualidade de percepção cai proporcionalmente ao número de direcionamentos. Uma atenção, uma consciência, um eu.

### 3.3 – Construção da consciência

A consciência é também um aprendizado, pois é uma criação, uma construção, uma mudança constante da imagem que fazemos de nós mesmos e do entendimento que temos do que é ou pode ser o nosso eu. Provavelmente não nascemos com a consciência de um eu individual, essa consciência é tanto uma criação nossa como uma criação de outros.

Nossa consciência não é uma *res cogitans*, nossa consciência é a totalidade de ações e funções envolvendo o cérebro e o corpo. “O que você é, porém, é apenas esta organização de toda a atividade competitiva entre um grande número de competências que seu corpo desenvolveu”. (Dennett - 1997, p. 140)

Outra característica da consciência é que ela pode ser expressa, tanto internamente como externamente.

Dennett, em relação à consciência, se considera um funcionalista. O eu consciente é formado por trilhões de “eus” impessoais e subpessoais. Os processos que ocorrem em nosso sistema nervoso são em sua maioria não percebidos e eles mesmos não se percebem. A consciência é o resultado do processo mental e somente temos acesso a esses resultados e não ao processo. “Não temos nenhum acesso direto pessoal à estrutura de eventos dotados de conteúdo dentro de nós”. (Dennett - 1999, p. 234)

A consciência é o resultado do funcionamento de nosso sistema neurológico, ela é o todo de uma infinidade de partes que estão constantemente lutando por se destacar sobre as outras. Por diversos fatores, tanto internos como externos, as partes que conseguem chamar maior atenção sobre si, ou que conseguem ser a melhor resposta para a solução de um problema, vencem e a vencedora nós chamamos consciência.

Nossa consciência é o efeito de um sistema biológico complexo cujo principal ator é o cérebro, que pode ser dividido em finitos grupos e conexões até chegarmos a partes individualizadas. As partes individualizadas e até mesmo muitos grupos de conexões agem por impulsos sem nenhuma inteligência ou discernimento. Essas ações sem discernimento Dennett chama de atitude intencional. A consciência é feita

de muitas, mas finitas, partes de máquinas estúpidas, mas possuidoras de atitudes intencionais.

“Essas pequenas partes impessoais, irracionais, robóticas, destituídas de mente da maquinaria molecular constituem a base fundamental de toda ação, e portanto do significado, e portanto da consciência do mundo”. “Somos todos descendentes diretos desses robôs auto-replicantes”. (Dennett - 1987, p. 27 e 28):

Nós somos o exemplo de que algo feito de robôs pode apresentar consciência autêntica.

Visão parecida tem Damásio, para quem o *self* é um processo e está na base do que chamamos de consciência. Damásio entende o *self* como:

“Uma coleção dinâmica de processos neurais integrados, centrada na representação do corpo vivo, que encontra expressão em uma coleção dinâmica de processos mentais integrados. [...] A consciência não se resume a imagem na mente. Ela é, no mínimo, uma organização de conteúdos mentais, centrada no organismo que produz e motiva esses conteúdos”. (Damásio – 2013, p.22-23)

Os impulsos nervosos são a base da consciência. A grande e intrincada rede de conexões do nosso cérebro abrigam a consciência. Os neurônios não são simplesmente transmissores de energia, eles são também transformadores de energia, eles modificam o impulso nervoso. Um neurônio é um neuromodulador, ele tem a capacidade de alterar a altura e a intensidade do impulso. As afluições e convergências do intrincado sistema nervoso adicionam novos dados no curso das informações transportadas pela energia dos pulsos elétricos.

Esse movimento modulador não é um movimento fechado, ele é aberto ao resto do corpo e tanto recebe dados do corpo ao qual pertence como propaga informações para o corpo, isso pode gerar diversas causas de diferentes efeitos e diferentes efeitos de diversas causas. Em nosso cérebro a neutralidade na propagação de informação não é algo necessário, a isso podemos chamar de interpretação ou significação.

Ou nas palavras de Dennett:

“Essas questões denunciam uma profunda confusão, porque pressupõem que o que você é, é qualquer outra coisa, alguma *res cogitam* cartesiana acrescentada a toda esta atividade cerebral e corporal. No entanto, o que o leitor é, é exatamente esta organização de toda a atividade concorrente entre uma massa de aptidões que o seu corpo foi desenvolvendo”. (Heil - 1998, p.209):

Bem como em Teixeira:

“Sua teoria da consciência [a teoria de Dennett] é, na verdade, uma teoria da natureza do pensamento. Consciência não se sobrepõe reflexivamente ao pensamento, um andar superior ou um “pensamento sobre o pensamento” e que exigiria, por sua vez, um “pensamento sobre o pensamento sobre o pensamento” levando-nos a um regresso infinito. Explicar a natureza da consciência é explicar como se formam conteúdos mentais, ou seja, a experiência consciente é imanente ao próprio pensamento”. (Teixeira - 2008, p.68)

A consciência é a competência de narrar o que está passando em nossa mente, coisa que dificilmente outras mentes que não as humanas conseguirão fazer. Consciência não é saber o que se está fazendo, mas é o descrever o que sabe que está fazendo, e a descrição necessita de uma linguagem.

A consciência é em grande parte o resultado do funcionamento do cérebro, são bilhões, em torno de 80, pequenos agentes neuronais se agrupando em intrincadas conexões disputando por ser a única, ou a principal conexão entre os mesmos. Em cada momento um intrincado de conexões se sobressai sobre as outras, a conexão que está sobressalente é a consciente.

Os estímulos, internos ou externos, podem desempenhar um importante papel para que grupos de conexões definam para onde nossa atenção, ou consciência, vai se direcionar. De forma parecida, pode haver diversos estímulos com a mesma intensidade ou paralelos que podem fazer com que o organismo tenha uma única atenção – consciência – ou diversas outras atenções ou consciências com intensidade igual, quase igual ou levemente inferior que ficam de prontidão caso a intensidade predominante perca sua força. Provavelmente existem em nosso cérebro muitas versões para cada estímulo ou para cada grupo de estímulo, e como na seleção natural, algumas são escolhidas e outras abandonadas. As versões escolhidas tornam-se conscientes.



Após percorrer todo o caminho da biologia até a consciência, Dennett acredita ter argumentos suficientes para embasar sua teoria da ciência cognitiva materialista e naturalizada. Seguindo no seu intento, ele vai tratar agora da difícil relação entre mente e corpo.

#### 4.1 – Mente e corpo

A princípio a existência de uma mente como a nossa parece ser um milagre, mas essa visão tende a desaparecer quando passamos a explicar a mente a partir das leis naturais, especialmente a partir das leis biológicas do desenvolvimento e da seleção natural. Percebendo-a dessa forma podemos entender que a mente é uma montagem de diversas partes que levou muito tempo para ser feita. Entender essas partes e como a mente depende delas é um dos grandes trabalhos feitos e defendidos por Dennett.

“A filosofia da mente de Dennett acompanha a tradição naturalista do século XX, ou seja, uma visão segundo a qual a natureza do mental pode ser explicada pela ciência, rejeitando abordagens espirituais e incursões pelos campos da metafísica. [...] Dennett acredita que [...] poderemos explicar o funcionamento da mente, primeiro “desmontando-a” para depois replicá-la em modelos. É nesse ponto que encontraremos uma grande interseção entre a filosofia, a inteligência artificial e a ciência cognitiva”. (Teixeira - 2008, p.14 e 15)

Uma grande inovação da evolução dos animais foi o desenvolvimento de sistemas nervosos simples, baseados nos neurônios ou em células parecidas. Esses sistemas possibilitaram a transmissão rápida de informações do ambiente externo e das comunicações internas. Inicialmente esses sistemas nervosos simples atuavam no controle do organismo e na sua proteção.

Esses sistemas simples transmitem e convertem informações em ações, buscando soluções para possíveis problemas encontrados. Essas células nervosas ou conjunto de células nervosas são agentes especializados algoritmicamente para perseguir seus objetivos conforme suas percepções do ambiente. Nosso corpo e nossa mente são constituídos de muitos desses sistemas. A capacidade ou não de cada um desses conjuntos de sistemas se adaptarem tanto às condições externas como às internas é que vai definir a sua sobrevivência ou não no processo evolutivo.

“E Darwin dizia [...]: “pode-se fazer um pássaro, uma árvore, uma baleia, um peixe e mesmo um ser humano por um processo que não envolve nenhum tipo de “mind”.

Decorre dessa estranha ideia que o entendimento, a mente e a consciência constituem um efeito e não uma causa”. (Dennett - 2013, p. 127):

Mas a mente é muito mais do que o resultado simples do desenvolvimento e seleção natural, ela é uma criação do constante reprojeter cultural e linguístico que os seres humanos estão propagando a milhares de anos.

Um dos grandes diferenciais do nosso sistema nervoso humano é de que ele tem grande liberdade para se modificar tanto física quanto quimicamente e nele os algoritmos biológicos deixam grande espaço para a formatação de novos comportamentos, de novas sinapses, de novos pensamentos, e as possibilidades de novas ligações neuronais são imensas.

Em outros seres vivos, como formigas e abelhas, o pacote de programas comportamentais é estritamente definido pela genética, existe pouco aprendizado e modificações neuronais, mas existe muito o cumprir tarefas predefinidas biologicamente. Nossas mentes humanas em alguns aspectos são muito parecidas com outras mentes animais, mas em outros, somos inteiramente diversos.

Damáσιο apresenta em seu livro *O erro de Descartes*, um entendimento muito parecido com o de Dennett:

“Numa primeira aproximação, a função global do cérebro é estar bem informado sobre o que se passa no resto do corpo (o corpo propriamente dito); sobre o que se passa em si próprio; e sobre o meio ambiente que rodeia o organismo, de modo que se obtenha acomodações de sobrevivência adequadas entre o organismo e o ambiente. De uma perspectiva evolutiva, nada está em contradição com isso. Se não tivesse havido o corpo, não teria surgido o cérebro”. (Damásio – 2012, p. 96 e 97)

A capacidade de adaptação neurobiológica humana e de outros animais é um dos indícios do aprimoramento da evolução. Assim pensando, o ser humano estaria no topo dessa cadeia, mas não isolado. A alta capacidade de mudança e adaptações é que nos faz humanos, a criatividade e o aprendizado é um dos resultantes dessa capacidade.

“Nossos cérebros humanos, e só os cérebros humanos, foram armados com hábitos e métodos, ferramentas mentais e informações retiradas de milhões de outros cérebros que não são os ancestrais dos nossos próprios cérebros. Isso, ampliado pelo uso *intencional, previdente* do gerar-e-testar na ciência, coloca nossas mentes em um plano que não é o das mentes de nossos parentes mais próximos entre os animais. Esse processo de intensificação

específico da espécie se tornou tão rápido e poderoso que uma única geração de suas melhorias no projeto pode agora reduzir os esforços de pesquisa e desenvolvimento dos milhões de anos de evolução por seleção natural". (Dennett - 1998a, p.397)

Damásio também expressa um entendimento parecido ao de Dennett sobre o nascimento e a função dos neurônios em relação ao resto do corpo:

"Os neurônios existem em benefício de todas as outras células do corpo. Os neurônios não são essenciais para o processo básico da vida, como demonstram facilmente todos os outros seres vivos desprovidos deles. Mas, em seres complexos com muitas células, os neurônios assistem o corpo multicelular como um todo na gestão da vida. Esse é o propósito dos neurônios e o propósito do cérebro que eles constituem". Damásio – 2013, p.56)

Dennett se pergunta como sabemos que temos uma mente e que outros têm mente, e responde que o reconhecimento é por identificação. Quando o outro nos entende ou entende parte do que comunicamos, supomos que ele tem uma mente, quando identificamos no outro algo de parecido conosco, tendemos a julgar que esse outro também possui uma mente.

Nosso corpo é constituído por inúmeras máquinas que funcionam com as instruções dos algoritmos e através dessas instruções são capazes de executar ações e movimentos, identificar estímulos e reagir a esses estímulos.

Nesse sentido nosso cérebro não é muito diferente do nosso corpo, ele é um instrumento que se desenvolveu para melhorar as funções do corpo como um todo. Mesmo que hoje ele desempenhe outras funções, a função original pela qual ele foi escolhido pela seleção natural é a execução de tarefas práticas que melhoram o desempenho do organismo a que faz parte.

O cérebro é a base para a mente, a evolução criou o cérebro e o cérebro criou a possibilidade da mente.

Além de comandar e coordenar outras partes do corpo é função da mente antecipar eventos futuros com base no presente e nas memórias do passado. Pressupor o que vai acontecer de modo refinado é um instrumento muito valioso e que destaca quem o detém dos outros indivíduos, provavelmente foi um dispositivo determinante para decidir quais espécies sobreviveram às adversidades da seleção natural.

Antecipar acontecimentos futuros ajuda muito a tomar decisões protetoras e mantenedoras do sistema que tem essa capacidade.

Aqui novamente Damásio apresenta um parecer que corrobora com a interpretação de Dennett sobre o papel do cérebro, da mente e da consciência para o organismo como um todo:

“Esses benefícios relacionam-se, em grande medida, ao planejamento e à deliberação. Eles trouxeram inúmeras vantagens. Tornou-se possível sondar o futuro exequível e retardar ou inibir respostas automáticas. Um exemplo dessa inovadora capacidade evolucionária é o postergamento da gratificação: trocar calculadamente alguma coisa boa por algo ainda melhor mais tarde, ou abrir mão agora de algo bom quando a sondagem do futuro indicar que isso acabará por trazer alguma coisa ruim”. (Damásio – 2013, p.326)

O cérebro e a mente são mais um órgão do corpo humano, e como todos os outros têm funções específicas para desempenhar na homeostase do organismo. O cérebro é um órgão recente no desenvolvimento dos organismos vivos e a mente como controladora do organismo humano é mais recente ainda. O cérebro surge a serviço do corpo, o contrário é um resultado parcial da evolução.

Nosso sistema nervoso central evoluiu como um sistema de controle melhorado do organismo onde já havia um sistema de controle do organismo. O cérebro é uma sobreposição que anexou melhor funcionalidade a um sistema já funcional. As novas funcionalidades tiveram que colaborar e ter a colaboração das funcionalidades antigas, novas funcionalidades geraram novas capacidades. A mente é uma nova capacidade resultante de diversas funcionalidades sobrepostas.

Essas novas funcionalidades tiveram que ser criadas utilizando o material já existente, para criar a mente é muito provável que nenhum novo material bioquímico tenha sido criado. O neurônio já existia muito antes do cérebro ou da mente, ele foi o método mais prático que a natureza encontrou para transmitir informação de forma rápida e a baixo custo. Transmitir informação de forma rápida tornou-se cada vez mais necessário à medida que os organismos vivos se tornaram maiores e tiveram que se movimentar.

A inovação do cérebro foi a grande quantidade de neurônios acumuladas em um único local e a enorme número de conexão entre eles. Isso formou o substrato para que o grande número de algoritmos representados por cada neurônio e suas conexões criasse a mente.

“Os neurônios são células cerebrais, são como pequenos agentes que zanzam cegamente dentro do cérebro, distribuindo suas ramificações na

tentativa de se conectar a algo. Assemelham-se a cupins que erram pelo ninho fazendo seu trabalho às cegas, bilhões de pequenos trabalhadores e nenhum chefe". (Dennett - 2013, p.130):

O ambiente apresenta muito mais informações do que nossa mente tem a capacidade de perceber, nossos mecanismos de percepção estão planejados pela evolução para desconsiderar grande parte dos estímulos para poder assim dedicar maior atenção nas informações mais produtivas e que mereçam maior confiança.

A evolução do corpo teve que ser seguida pela evolução do cérebro e a evolução do cérebro teve que ser seguida pela evolução do corpo. Um formatou as modificações do outro e vice-versa. Por exemplo, de pouco adiantaria termos a capacidade neuronal de fazermos movimentos refinados com nossas mãos se não tivéssemos desenvolvido a capacidade de pinça do polegar opositor, o contrário também tende a ser verdadeiro. Muito provavelmente a capacidade neuronal impulsionou a capacidade física e a capacidade física impulsionou a capacidade neuronal, acelerando o processo.

O corpo, antes de desenvolver o neurônio e a mente, já possuía sistemas de controle – como o sanguíneo e o linfático - mas esses sistemas de controle eram limitados por causa de sua lentidão de percepção tanto das mudanças internas como das externas. Um sistema de percepção lento tem maior dificuldade de adaptação. O neurônio e a mente, acelerando o discernimento do sistema, acelerou também as capacidades de adaptação.

O cérebro não é um órgão isolado, ele está em íntima e rápida conexão como o restante do corpo, mas o meu eu não é somente o meu corpo, meu eu é aquilo a quem meu corpo pertence. O eu é aquilo que está no controle do corpo. "O cérebro instancia uma mente, mas essa não é o cérebro, nem se reduz a ele". (Teixeira, 2008, p. 48)

O corpo tem, portanto, também alguns processos que independem do cérebro, são órgão e processo que dependem de algoritmos mais básicos e antigos do que o cérebro. Podemos cortar nossas unhas, mas não controlar seu crescimento, podemos disfarçar nosso medo, mas não evitar seu aparecimento. Em outras situações é difícil definir quem está no controle, sendo também difícil definir onde está o eu.

Sobre como acontece a organização e o controle, Dennett pergunta e responde:

“Como é possível que grupos desses neurônios formem equipes tão fantásticas e capazes de fazer o que vocês e eu fazemos em nossas cabeças? Além disso, como os seres humanos atingem uma compreensão global usando competências locais sem invocar um criador inteligente? [...] A nossa resposta é: fazendo *download* de máquinas virtuais que dão superpoderes e novos níveis de organização aos neurônios”. (Dennett - 2013, p. 130 e 131)

A linguagem é a base para a formação dessas máquinas virtuais que possibilitam a organização e o controle do nosso cérebro e da nossa mente.

#### 4.2 – Linguagem

A linguagem é um elemento importante e definitivo no processo evolutivo que nos deu uma mente. Dennett utiliza a linguagem como mais um elemento para fundamentar sua visão de mente materializada e naturalizada.

Para Dennett sem linguagem não há consciência e a linguagem de forma geral expressa a nossa consciência, pois quando falamos de alguma forma estamos falando de nós mesmos.

A consciência está na capacidade de refletir sobre representações, e a capacidade de refletir sobre as representações depende da linguagem. Quanto mais o organismo tem a capacidade de utilizar as diversas formas de linguagem, mais ele tem competência para representar a si mesmo e ao mundo. Quanto maior for a aptidão do organismo de refletir sobre as representações, provavelmente maior será sua consciência.

Maturana e Varela entendem a linguagem de forma parecida com a de Dennett:

“O fundamental, no caso do homem, é que o observador percebe que as descrições podem ser feitas tratando outras descrições como se fossem objetos ou elementos do domínio de interações. Ou seja, o próprio domínio linguístico passa a ser parte do meio de possíveis interações. Somente quando se produz essa reflexão linguística existe linguagem, o observador surge e os organismos participantes de um domínio linguístico passam a funcionar num domínio semântico”. (Maturana – 2011, p.233)

O pensamento e a consciência somente são possíveis em organismos dotados de linguagem elaborada, como nos humanos. Pode ser que considerar outras mentes que não utilizam uma linguagem elaborada como mentes, seja um erro, pois a linguagem traz tantos novos caracteres para as mentes que a utilizam que ela se torna algo muito diferente. O abismo é tão grande entre uma mente possuidora de

linguagem de uma não possuidora que ambas não deveriam ser descritas com o mesmo nome.

“O surgimento da linguagem trouxe à existência um tipo de mente capaz de transformar-se de maneira quase instantânea em uma máquina virtual de certo modo diferente: assumir novos projetos, obedecer novas regras e adotar novas estratégias. Somos transformistas. Isso é o que é uma mente, e o que a distingue de um mero cérebro: o sistema de controle de um transformista camaleônico, uma máquina virtual para criar máquinas ainda mais virtuais”. (Dennett - 2004, p. 282 - tradução nossa)

A linguagem consciente é o resultado das inúmeras atitudes intencionais em destaque dentro de uma mente, como nossa mente está onde pensa estar, ela está onde a linguagem preponderante assumiu o controle do comportamento.

Nosso sistema de sinais é o principal caminho para o conhecimento das outras mentes e as palavras são as ferramentas utilizadas pela nossa mente, ferramentas bem projetadas e modificadas pela constante utilização. As palavras são ferramentas que encerram em si inteligência e necessitam de inteligência para serem utilizadas. Quanto maior for a informação inserida nas palavras maior o potencial de inteligência que ela pode outorgar ao seu usuário.

Os conjuntos de símbolos que utilizamos, além de ser um forte instrumento de comunicar aos outros organismos nossos interesses e desejos, é também um grande dispositivo da memória e da imaginação que utilizamos para a projeção do futuro. Memorizar situações, imaginar ambientes e projetar ações futuras são recursos que muito nos ajudaram no processo de seleção natural.

Nossa capacidade de utilizar linguagem é uma das maiores façanhas da evolução. Uma façanha que se autoalimenta para gerar mais linguagem e mais racionalidade. Essa autoalimentação gera sistemas que podem ter diversos usos e usos cada vez mais perspicazes. Mas como um resultado da evolução e da adaptação, ela depende também das formas de utilização e das circunstâncias ambientais em que são utilizadas.

No processo de seleção natural a linguagem nos confere também outra grande vantagem que é a capacidade de nos beneficiarmos da experiência dos outros indivíduos que nos podem ser comunicada através da linguagem. Podemos comparar nossas experiências com as experiências dos outros, podemos pensar melhor como devemos pensar e agir em situações semelhantes, podemos comparar os resultados

obtidos de diferentes conjunturas e podemos refletir sobre todas elas sem um limite definido.

A linguagem é também uma forma de conservar e acumular informações no mundo externo. É um conjunto de elementos que estão fora de nós, mas que estão também em nós. A duplicidade da linguagem é necessária para a codificação e decodificação de seus significados. Para cumprir esses objetivos podemos usar quaisquer elementos, estruturas ou substratos, desde que sejam codificados e significados.

“De todas as ferramentas mentais que adquirimos no curso do processo de abastecer nossos cérebros a partir das pilhas de estoques da cultura, nenhuma é mais importante, é claro, do que as palavras – primeiro faladas, depois escritas. As palavras nos tornam mais inteligentes ao tornar a cognição mais fácil”. (Dennett - 1997, p.132 e 133)

As palavras nos orientam e nos permitem fazer percursos mais longos na relação de nossas mentes com o mundo e conosco mesmo.

No processo de evolução biológica dos seres humanos o falar veio muito antes da escrita. Falar foi uma grande inovação que permitiu grandes avanços adaptativos e criações culturais, mas escrever foi outro passo decisivo na articulação mental e na capacidade mental de abstração. Mas cada uma das inovações possui características específicas que unidas nos deram aptidões e competências sem precedentes. A linguagem é provavelmente o que mais nos distingue na natureza.

Nós dispomos geneticamente de capacidade de adquirir uma língua, aprender uma língua é uma disposição inata dos humanos, e ela se adapta ao conjunto de termos e ao conjunto de regras que vão normatizar o falar e o escrever a que o indivíduo estiver exposto.

Uma língua é um aperfeiçoamento cerebral, pois ela nos permite examinar, recordar, experimentar mentalmente e reprogramar nossas ações. Ela permite que ocorra em nossa mente uma repetição interrogativa dos enunciados tanto colaborativos como contrários. Os enunciados sobreviventes ou persistentes tendem a se tornar pensamentos conscientes.

A linguagem tem ainda a capacidade de preencher espaços vagos nas interpretações. Quando não temos conhecimento pleno das referências ou clareza dos indícios, a linguagem nos ajuda a preencher as distâncias onde estão as incertezas, e ela faz isso por aproximação, ou seja, tenta encontrar a referência mais

próxima possível. Quando em nós existe certa disposição ou inclinação para algo, por aproximação linguística tornamos a inclinação em um propósito expresso com certeza. Entre vários enunciados possíveis e existentes em nossa mente, a tendência é que denominemos de verdadeiro o enunciado que mais se aproxima dos nossos objetivos, das nossas intenções. Os enunciados tornados certos e verdadeiros passam a ser vistos como propósitos nítidos a comandar nossa capacidade de agir. Nossos enunciados ou conceitos interagem entre si em nós mesmo e tendemos a ter listas de opções de ações e pensamentos para dadas situações, esta lista de opções é o que nos dá identidade, é o que somos, e somos comandados pelos enunciados que criamos através da linguagem.

“Conceitos são coisas em nosso mundo porque possuímos uma linguagem”.  
(Dennett - 1997, p. 143)

Nossa forma de exprimir sensações e ideias tem também certa relação com a verdade, pois se ela não fosse um instrumento de transmitir em grande parte razões, motivos e estados mentais verdadeiros, ela não teria sobrevivido à seleção natural, pois seus utilizadores estariam em desvantagem na competição. Mas isso obviamente não é motivo suficiente para designarmos a linguagem como algo verdadeiro, mas somente como algo que funciona para alterar os comportamentos de seus utilizadores para ações mais propensas à sua sobrevivência.

### 4.3 – Pensamento

O pensamento é para Dennett o ponto culminante de todo o processo evolutivo, ele é o ápice, mas não o motivo ou o objetivo, da evolução natural e material.

“Ora, é minha opinião – e não somente minha – que o pensamento nasce com a linguagem. As palavras se tornam inteligíveis porque simplificam a nossa orientação no mundo, criando pontos de referência. Mover-se no mundo abstrato das ideias seria impossível, se não tivéssemos pontos de referência memorizáveis e compartilháveis que são as palavras”. (Dennett - 2006, p. 53 - tradução nossa)

Nossos cérebros são limitados e somente conseguimos pensar por termos criado um instrumento que economiza seu trabalho libertando-o de armazenar nele mesmo todo o conhecimento produzido. Fazemos isso descarregando o conhecimento no meio em que vivemos. Todos os dispositivos que criamos são mais

que instrumentos para facilitar nossa vida, são depósitos que estocam informações, informações que abarrotariam nosso cérebro impedindo-o de pensar.

Toda tecnologia, toda criação cultural, toda produção de conhecimento humano encerra em si conhecimento e nós somos os favorecidos pelas criações dos outros e podemos favorecer outros com nossa produção. Nossa herança cultural é como a mente de diversas pessoas espalhadas pelo mundo a beneficiar outras mentes. Essa herança cultural nos permite criar novas capacidades, nos permite pensar novas possibilidades.

Os cérebros são um dos instrumentos mais econômicos desenvolvidos pela natureza. Como ele não pode memorizar tudo, lembrar de cada detalhe para utilizar posteriormente, ele trabalha com generalizações, conexões e relações que são informações menos detalhadas e que selecionam aspectos essenciais para poder eliminar os detalhes que ocupariam muito espaço de armazenamento e processamento. Tão ou mais importante do que saber o que precisa ser lembrado, é saber o que pode ser esquecido, como descartamos muito mais informações do que guardamos, podemos dizer que o cérebro é uma máquina de esquecer e não de lembrar. O processo funcional é de seleção e limpeza e não de acúmulo.

Nosso cérebro é pontilhado de indicadores de onde estão os dados reais, de onde se encontram os conteúdos. A ação mais econômica não é a de carregar em nosso cérebro uma biblioteca, mas de saber onde encontrar o que necessitamos de forma mais rápida possível. Quanto mais descarregamos conhecimento no mundo à nossa volta, mais nosso pensamento se torna dependente dos artefatos nos quais depositamos nossos conhecimentos.

“O que quer que seja diretamente lembrado pode desempenhar seu papel de evidência sugerindo uma resposta de recordação sem chegar à consciência. Isso sugere que, quando nos lembramos de algum evento, há uma quantidade limitada de informação que está ali *contida*, não necessariamente na consciência, mas disponível de um jeito ou de outro, para utilização na composição de nossas recordações e respostas de questões que nós mesmos ou outros levantemos”. (Dennett - 1999, p. 192):

Vamos acessar na nossa memória o que for prático e útil para aquele momento, seguindo padrões próprios de utilidade e praticidade. O acesso às recordações é geralmente incompleto e sofre interpretação seguindo o objetivo pelo qual foi resgatado, e muitas vezes parte das informações são aproveitadas para justificar outras memórias sem que o processo seja consciente. O conjunto, o todo da memória,

vai utilizar também a compreensão e a percepção intelectual geral e particular daquele indivíduo no tempo e situação em que o sujeito se encontra. A memória acessada leva em conta ainda os conhecimentos adquiridos com a vivência tanto distante como próxima no tempo. As crenças e desejos do indivíduo também influenciam quanto e quais memórias virão à tona.

Nós somos fontes confiáveis sobre o conteúdo dos nossos pensamentos, mas isso não significa que temos o privilégio de definir como verdadeira a relação entre nossos pensamentos e nossas convicções. Geralmente, existe um equilíbrio entre o que pensamos e a forma como agimos, mas algumas vezes nossos pensamentos são falsos quando comparados com nossas crenças.

Nossos pensamentos são únicos em sua existência, ou seja, somente podemos pensar um único pensamento por vez. Podemos ter diversas crenças, mas somente um pensamento em um dado momento. E isso acontece porque um pensamento é o resultado de um processo seletivo e eliminativo de outras possibilidades de pensamento, o pensamento não é único porque foi o único produzido, ele é único porque de certa forma conseguiu eliminar os outros, ele conseguiu, de alguma forma, se sobrepôr sobre os outros candidatos a se tornarem pensamentos únicos.

Um pensamento consegue se destacar sobre os outros por apresentar alguma vantagem, e o que é uma vantagem pode ser definido por regras gerais como a que mais vai beneficiar o indivíduo de alguma forma, ou outra regra qualquer. Mas a vantagem pode também ser o resultado de diversas configurações internas de cada indivíduo, grande parte delas ainda desconhecidas. Outra forma que um cérebro tem para escolher um pensamento e não outro é definido pela pressão do tempo. Algo tem que ser decidido nesse momento e até esse momento esse foi o pensamento mais elaborado que se conseguiu produzir, ou é o pensamento que apresenta alguma ou a resposta mais coerente para o que tem que ser resolvido nesse momento.

“Pouco a pouco, na aquisição da linguagem, as nossas etiquetas se tornam sempre mais elaboradas, até se tornarem simples representações mentais, capaz de invocar todas as associações apropriadas. Agora sabemos “compreender”, além de nominar, os objetos que nos circundam: Assim criamos os conceitos. Por conseguinte, parece evidente, que a palavra assumiu a função de protótipo do conceito”. (Dennett - 2006, p. 54 - tradução nossa)

Os pensamentos são a base para a elaboração de conceitos, que implicam em grande parte a formação de juízos e de valores, que desempenham grande papel na criação e desenvolvimento da moral.

#### 4.4 – Moral

Dennett não se detém somente no pensar, ele vai além, e tenta explicar também o porquê e como pensamos o que pensamos, e mais, o porquê e como nos comportamos como nos comportamos. A moral é para ele também, em grande parte, o resultado do processo natural e material.

Para tentar entender melhor o processo de formação dos conceitos morais Dennett parte da estratégia, ou postura intencional, que é o método de tentar compreender o comportamento de algo vendo-o como se suas ações, escolhas, crenças e desejos fossem orientados por uma racionalidade.

“A implicação ética a ser extraída da distinção de posturas não é que a postura intencional é *uma* postura moral, mas que ela é uma pré-condição para *qualquer* postura moral, [...] Não raciocinamos apenas sobre o que os sistemas intencionais vão fazer, raciocinamos sobre como eles vão raciocinar. E assim é que nossas predições do que vai fazer um sistema intencional vão ser formadas com base no que seria razoável (para qualquer um) fazer sob determinadas circunstâncias”. (Dennett - 1999, p. 321)

Ou seja, criamos generalizações sobre como certos sistemas intencionais deveriam agir sob certas circunstâncias. Mas as ações do sistema intencional não são determinadas, ou definidas pelo mecanicismo, pois por mais que uma crença possa ser causada ou implantada em um sistema, ela tem que ser endossada pelo agente da crença levando em conta a compatibilidade dessa crença com o resto de suas crenças.

“Não se pode ter uma visão de mundo de qualquer tipo sem ter crenças, e não se poderia ter crenças sem ter intenções, e as intenções requerem que a pessoa se veja, pelo menos, intencionalmente, como um agente racional”. (Dennett - 1999, p. 334)

Um agente racional é um agente que pode de certa forma, fazer escolhas, e a decisão sobre as escolhas, segundo o modelo de Dennett, iniciam por um criador interno de suposições sobre qual, entre diversas possibilidades criadas, será a escolhida. Essas suposições de possibilidades são de alguma forma subdeterminadas

e vão passar por um exame ou observação mais ou menos atentos dependendo dos estados internos e das circunstâncias em que o agente se encontra. Algumas hipóteses de ações serão prontamente descartadas, e as sobreviventes serão provavelmente as que têm alguma relação de relevância com a decisão a ser tomada. A escolha entre as hipóteses sobreviventes passarão por um processo racional que busca um resultado. Quanto mais razoável for o agente, mais razoável será a escolha.

Para nosso autor, as vantagens desse processo são as de que: 1 – A escolha é de certa forma inteligente; 2 – No final, a decisão é o resultado da avaliação e resolução do agente; 3 – Salva o ponto de vista da engenharia biológica; 4 – Admite que a educação moral faz diferença nas escolhas dos indivíduos; 5 – Nos torna autores de nossas decisões morais; 6 – Reconhece as decisões internas como importantes para a escolha da ação.

“O que se seguiu na obra de Dennett a este tipo de tentativa de compatibilização das teses deterministas e libertárias foi uma utilização cada vez maior da ideia de que é o *design* da mente humana que permite dar lugar a uma entidade movida por razões”. (Marcelo Land - 2001, p.14)

Ou seja, fomos selecionados pela natureza por estarmos alertas ao que de mais importante acontece à nossa volta. O que é mais importante acaba se tornando um modelo pelo qual construímos e direcionamos as nossas ações. Os modelos construídos acabam se tornando desejos, razões e crenças que vão determinar nossos comportamentos. A moral nasce, tem seus princípios e se desenvolve seguindo em grande parte esses modelos comportamentais.

Em Dennett a moral é ainda uma das capacidades possibilitadas pela representação, pois somos os únicos animais capazes de representar nossas razões para ações.

“Como dispomos da língua, podemos representar nossas razões e representá-las uns para os outros; eis a origem de nossa capacidade para a moral. Com efeito, a moral existe porque podemos afetar uns aos outros representando razões, argumentando, persuadindo, dizendo: “por que você está fazendo isso?” ou “vou te dar uma boa razão para não fazer mais isso”. Cabe notar ainda que a razão pela qual não consideramos as crianças moralmente responsáveis é justamente porque elas ainda não têm máquinas virtuais instaladas em seus cérebros que permitam que sejam afetadas por razões”. (Dennett - 2013, p.140)

Mas como no restante da natureza não existe a preocupação moral, o autor se pergunta o que foi que possibilitou a mudança de um mundo sem moral para um com.

Sobre quando e como passaram a existir os conceitos de certo e errado a biologia pode explicar teoricamente, pois os animais de forma geral dependem da distinção de uma forma certa de uma errada em suas ações para sobreviverem. Porém o surgimento do bem e do mal, de justo e injusto enquanto conceitos éticos é uma novidade humana.

Sobre a moral Dennett concorda com outros autores de que ela é um “produto gradual de uma importante inovação na perspectiva que fora alcançada por apenas uma espécie, a *Homo sapiens*, aproveitando-se do seu meio extra único de transferência de informação” (Dennett - 1998a, p. 478). A linguagem tem para Dennett um papel fundamental no desenvolvimento da moral. A linguagem tem essa importância por ser o meio de transmissão de cultura, que pode ser vista como um criadouro de conceitos morais.

Mas a linguagem não explica tudo, pois somos mais que linguagem, somos um organismo único, mas somos também um organismo composto, uma comunidade de organismos intencionais que formam um corpo. O corpo como um todo tem um destino único, mas enquanto partes, tem diversas intencionalidades.

Para Dennett, como para Richard Dawkins, as células do corpo seguem em grande parte o destino indicado pelas células sexuais, ou seja, as células somáticas, do corpo, tem um destino traçado de cumprir suas tarefas e perecerem sem deixar descendentes. Já as células sexuais tem a pequena possibilidade de transmitirem seus genes a outros organismos. Para a maioria absoluta das células do nosso corpo, não existe a possibilidade de escolha.

“Elas são escravas totalmente comprometidas com o *summum bonum* do corpo do qual elas são uma parte. [...] E elas têm um único *summum bonum* projetado dentro delas, e não é “pense primeiro em si mesma”. Pelo contrário, elas são jogadoras de equipe pela sua própria natureza”. (Dennett - 1998a, p. 481)

O que acontece em nosso corpo não encontra paralelo em nossa vida moral social, pois somos muito mais do que um conjunto de células predeterminadas a cumprir sua tarefa em prol do organismo único. Nós somos capazes de tentar modificar os rumos da nossa vida, temos algumas possibilidades de abandonarmos o barco ou de nos revoltarmos com o organismo social a que pertencemos. Podemos tentar criar novas regras morais ou copiar regras de outras sociedades.

Nós temos a capacidade de decidir de forma diferente do que o estabelecido como padrão pelo organismo social. “Qualquer teoria sobre o nascimento da ética terá que integrar cultura e biologia”. (Dennett - 1998a, p. 483)

“Natureza e cultura têm de estar ligadas por uma linha contínua que não precise de emendas transcendentais. Seu curso não é retilíneo e ela se parte em muitos e tênues fios num complexo que ainda estamos começando a entender”. (Brito - 2012, p. 237)

Após explicar como surgiu, evoluiu, funciona e como a mente se vê, agora Dennett tenta explicar o conteúdo da mente e como ela conhece a si mesma e ao mundo. Como a filosofia de Dennett esteve sempre muito ligada às ciências, é parte fundamental para o autor demonstrar quais as reais possibilidades da mente conhecer o mundo e da mente conhecer a mente. Nessa explicação ele segue, obviamente, seu projeto naturalista e materialista, iniciando pelos memes.

### 5.1 – Memes

Dennett aprofunda e amplia o conceito do termo meme, criado por Richard Dawkins em seu livro *O Gene Egoísta*. Dawkins inicialmente amplia o processo de transmissão genética para o mundo da cultura:

“A maior parte daquilo que o homem tem de pouco usual pode ser resumida numa palavra: “cultura”. A transmissão cultural é análoga à transmissão genética, no sentido de que, apesar de ser essencialmente conservadora, pode dar origem a uma forma de evolução”. (Dawkins – 2007, p.325)

E explica melhor o que são os memes:

“Exemplos de memes são melodias, ideias, slogans, as modas no vestuário, as maneiras de fazer potes ou de construir arcos. Tal como os genes se propagam no pool gênico saltando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, os memes também se propagam no pool de memes saltando de cérebro para cérebro através de um processo que, num sentido amplo, pode ser chamado de imitação”. (Dawkins – 2007, p.330)

Um meme é “um elemento de cultura que pode ser considerado transmitido por meios não genéticos”, podemos convenientemente nos decidir por ele como o termo geral para qualquer replicador de base cultural”. (Dennett - 2011, p. 365)

Para Dennett, os memes são parasitas do nosso cérebro que se tornaram possíveis a partir do momento que desenvolvemos a linguagem. Quando criamos a linguagem criamos também a possibilidade de entrada e saída de informações do nosso cérebro, e, além disso, a possibilidade de comunicação aos outros seres como entendemos essa entrada e saída de informações. E é nesse ambiente de circulação de um conjunto de conhecimentos sobre alguma coisa ou sobre alguém que os memes se fixam, modificam e propagam.

Os memes são uma forma de seleção cultural, não genética, mas que agem seguindo os mesmos processos da seleção natural:

“A evolução pensa no controle de qualidade. A mesma consideração se aplica para as regras gramaticais, para as palavras, e as práticas religiosas e muitas outras características fundamentais da cultura humana: *ninguém* as projetou e não estão “nos nossos genes”, mesmo assim são desenvolvidas de um modo excelente”. (Dennett - 2014, p. 299 - tradução nossa)

Os memes são oportunistas, tem a sua própria capacidade, aptidão e conveniência, exatamente como os outros milhões de simbiotas biológicos que povoam nosso organismo, e as suas capacidades são em grande parte independentes das nossas. Em muitas situações os memes servem a si mesmos e não têm um objetivo aparente, ou seja, alguns replicadores culturais não tem nenhuma utilidade evidente e mesmo assim conseguem se replicar.

Mas em muitos outros casos “Os memes são simbiotas da informação e sem eles [...] não podemos viver, mas isso não significa que são todos nossos amigos. Alguns são flagelos que podemos muito bem dispensar”. (Dennett - 2014, p.300 – tradução nossa)

O que nos torna uma espécie especial, entre os animais, é nossa capacidade de evoluir culturalmente muito mais rápido do que a capacidade dos outros animais de evoluir geneticamente. Essa capacidade de evoluir culturalmente nos dá também expectativas diversas sobre nossa vida. Pouco sabemos sobre as expectativas dos outros animais sobre sua vida, mas sabemos que nós temos expectativas das mais variadas sobre como e porque podemos viver. A evolução cultural e os memes nos tornam voluntários para agir de formas inconcebíveis para outros animais. Nossas ações, em muitos casos, podem ser profundamente antinaturais, como no celibato.

De modo geral os memes replicadores que povoam nossa mente são ideias complexas, unidades culturais com capacidade de se reproduzirem de modo confiável e que seguem as leis da seleção natural.

“A teoria da evolução pela seleção natural é neutra, ele (Dawkins) sugere, considerando as diferenças entre memes e genes; estes são apenas tipos diferentes de replicadores evoluindo em meios diferentes e em ritmos diferentes. E assim como os genes de animais não poderiam ter começado a existir neste planeta antes que a evolução das plantas pavimentasse o caminho [...] a evolução dos memes não poderia ter se iniciado antes que a evolução dos animais abrisse o caminho criando uma espécie – *homo*

*sapiens* – com cérebros que pudessem proporcionar abrigo e hábitos de comunicação que pudessem fornecer os meios de transmissão para os memes”. (Dennett - 1998a, p.359 e 360).

Os memes são o conjunto de ideias da evolução biológica refletido no mundo cultural. O que tanto Dawkins como Dennett estão fazendo é deslocar a concepção de evolução biológica para as ciências humanas.

O ritmo de replicação dos memes é muito mais veloz do que o ritmo de replicação dos genes, e muitos deles se tornaram incontroláveis, inexplicáveis e até mesmo se autorreproduzem, lançando-se de diversos meios para se autodifundir e difundir sua mensagem. Outra característica dos memes é que necessitam de um substrato físico para se propagarem, se o substrato deixa de existir, os memes também morrem.

O que vai acontecer com um meme é definido pela capacidade de suas cópias perseverarem, quanto mais suas cópias se propagarem, mais força e persistência terá o meme e tenderá a aumentar sua influência, intensidade e durabilidade. Assim sendo, os memes tem a capacidade de serem imortais, dependendo sempre de veículos físicos que os transportem em uma corrente sem interrupções. Em filosofia, memes como “conhece-te a ti mesmo” e “penso logo existo” demonstram a longevidade e a força que um meme pode ter.

Mas

“O estoque de mentes é limitado, e cada mente tem uma capacidade limitada de memes; portanto, há uma forte competição entre memes para entrar no maior número de mentes possível. Essa competição é a principal força seletiva na infosfera, e, assim como na biosfera, o desafio tem sido enfrentado com grande engenhosidade”. (Dennett - 1998a, p. 364).

A funcionalidade de replicação de um meme depende do seu projeto externalizado, ou seja, do que ele demonstra ser ou fazer e não do que ele pretende internamente ser ou fazer. Grande parte do sucesso de um meme é a sua aparência externa, o que ele mostra poder fazer para as mentes. Como na seleção natural os memes podem sobreviver e se replicar por mimetismo, osmose, simbiose, resistência, adaptação, mutação, migração e pelas diversas outras formas que indivíduos biológicos têm para se manterem vivos e difundirem os seus genes. Pode-se dizer que o que os memes têm em comum é um conjunto de caracteres que conseguem anular a intenção da seleção natural de destruí-los.

Os memes não passam incólumes pelos cérebros, pois raramente nossas mentes agem como fotocopiadoras, nós não propagamos simplesmente os memes que nos povoam, não servindo como meios para repassar com fidelidade a mensagem contida neles. “Os cérebros parecem projetados para fazer exatamente o oposto: transformar, inventar, interpolar, censurar e, em geral, misturar o *input* antes de produzir um *output*”. (Dennett - 1998a, p.370). Dificilmente os memes passam por nós sem alteração e cada pessoa que se torna hospedeira de um meme tem a capacidade de adicionar a ele parcelas de utilidade, validade, qualidade, legitimidade, considerações e atributos que o tornam de alguma forma diferente do que era quando entrou em nosso organismo.

Geralmente os memes tendem a trazer algum benefício ao hospedeiro, mas isso não é uma necessidade, pois mesmo memes destrutivos, como o da imolação, sobrevivem desde que se repliquem antes de destruir o organismo em que estão instalados. “Não existe uma conexão *necessária* entre o poder replicativo de um meme, a sua “saúde” do *seu* ponto de vista, e a sua contribuição para a *nossa* saúde”. (Dennett - 1998a, p.378). Alguns memes conseguem se replicar por manipular os organismos, mas provavelmente a maioria dos memes se reproduzem com a aceitação, colaboração e apreço que temos por eles. Em grande parte existe uma empatia entre o meme e a pessoa, uma aceitação por nossa parte do que o meme representa ou da mensagem que ele expressa.

A explicação pelo meme é funcional por conseguir explicar as exceções. Pela teoria do meme conseguimos facilmente explicar porque memes destrutivos podem se espalhar e porque memes benéficos e virtuosos podem se extinguir. Explica também que sejam quais forem os valores pelos quais temos estima, eles são o resultado de memes que tiveram sucesso em se espalhar e se fixar em nós.

Ao longo da seleção natural os organismos biológicos que fizeram boas escolhas tenderam a sobreviver, mas boas escolhas por si só não garantem a sobrevivência, o ambiente algumas vezes dispõe de elementos aleatórios e não quantificáveis para selecionar o sobrevivente. De forma análoga, na seleção cultural, tendem a sobreviver os memes que ajudam seus hospedeiros a superar dificuldades, mas só isso não garante a sobrevivência do meme nem do organismo. Além disso, a seleção cultural é algo temporalmente novo e não sabemos que memes surgirão em longo prazo.

“A invasão dos cérebros humanos pela cultura, sob a forma de memes, criou as mentes humanas, que, exclusivamente entre as mentes animais, podem conceber coisas distantes e futuras e formular metas alternativas. [...] É a moldagem das nossas mentes pelos memes que nos dá autonomia para transcender nossos genes egoístas”. (Dennett - 1998a, p. 385)

Dawkins termina seu capítulo sobre os memes da seguinte forma:

“Somos construídos como máquinas de genes e educados como máquinas de memes, mas temos o poder de nos revoltar contra os nossos criadores. Somos os únicos na terra com o poder de nos rebelar contra a tirania dos replicadores egoístas”. (Dawkins – 2007, p.343)

### 5.1.1 – Crítica aos Memes

Sobre os memes John Searle apresenta a seguinte crítica:

“A [...] crítica de Searle ao funcionalismo de Dennett diz respeito ao conceito de meme inventado pelo biólogo Richard Dawkins(1989): Assim, como a evolução biológica acontece através dos genes o mesmo aconteceria na evolução cultural através dos memes. Dessa forma, a ética, a religião, a arte etc., podem ser explicados de forma análoga à evolução ao explicar o desenvolvimento biológico das espécies. Porém, Searle diz que a analogia é falsa, dada a qualidade diferente de suas manifestações. E se houver alguma grande lição deixada por Darwin, essa foi que a evolução biológica e o papel que os genes têm nisso são resultados de forças naturais brutas e obscuras. O que quer dizer que a expansão de ideias e teorias através da “imitação” na cultura humana envolve um processo de seleção e direcionamento para um fim, que envolve um processo consciente para ser realizado. Isso acarreta uma constante compreensão e interpretação das ideias, que se evidencia ao observarmos que nem todas as ideias surgidas na humanidade são seguidas, pois passam por um “crivo”, um julgamento, e só depois se tornam candidatas à imitação ou à rejeição. Disso se segue que tal analogia, segundo Searle, é enganosa, pois a transmissão de ideias através da imitação é totalmente diferente da transmissão de genes através da reprodução”. (Rodrigues – 2014, p. 19)

Maturana e Varela não criticaram os memes de forma direta, mas provavelmente entenderiam de maneira diferente o que seria um meme composto por palavras e sua movimentação e reprodução nas mentes humanas:

“Sabemos que as palavras são ações, e não coisas que passam daqui para ali. É nossa história de interações recorrentes que nos permite um efetivo acoplamento estrutural interpessoal. Permite-nos também descobrir que compartilhamos um mundo que especificamos em conjunto, por meio de nossas ações”. ( Maturana – 2011, p.255)

## 5.2 – Heterofenomenologia

Para finalizar o processo explicativo de sua filosofia, Dennett busca tirar em grande parte o acesso privilegiado que temos sobre nós mesmos, ou seja, não somos mais a principal referência sobre quem e como somos. A nossa evolução natural e a matéria passam a ter grande relevância na explicação de como e quanto conhecemos e podemos conhecer.

“O problema dos eventos cerebrais [...] é que, independente de quão próximos eles estejam do nosso fluxo de consciência, sempre tem uma desvantagem fatal: *nunca tem ninguém que o observa*”. (Dennett - 2009, p.40 - *tradução nossa*) Como não temos dispositivos para realizar o trabalho de reconhecer o que acontece na mente das outras pessoas, temos que utilizar o relato dessas pessoas para tentar conhecer o estado interno das outras mentes. Dennett chama esse relato de heterofenomenologia, pois ele surge a partir da terceira pessoa (hetero) e da fenomenologia, que é a atenção e a reflexão sobre as experiências.

A heterofenomenologia busca organizar e constituir as informações verbais de fatos, eventos, condições ou situações expressas pela outra mente. Na construção do relato do outro, Dennett elimina a descrição da primeira pessoa, o eu, como elemento superior e pleno para representar os estados mentais. A heterofenomenologia, utilizando a perspectiva intencional, permite uma interpretação do que acontece na mente das outras pessoas e desfaz a fantasia de que temos acesso privilegiado ao que acontece em nossa própria mente.

*“Estamos nos enganando ao acreditar que a atividade de <introspecção> sempre se reduz a um mero ato de <olhar e ver>. Suspeito que quando afirmamos que estamos utilizando nossos poderes de observação interna, na realidade estamos sempre empenhados em uma espécie de teorização improvisada – e somos teóricos ingênuos porque não nos damos conta que existe muito pouco para <observar> e muito sobre o que pontificar sem medo de cair em contradições”.* (Dennett - 2009, p.82 – *tradução nossa*)

Tendemos a acreditar que não somos afetados por erros mais do que realmente somos, mas geralmente não temos acesso às causas e efeitos das nossas percepções de consciência. Em grande parte das vezes temos excesso de confiança sobre os fundamentos e consequências do que experimentamos como eventos conscientes. Em outras ocasiões nós podemos simplesmente nos equivocar ao avaliar o que e como estamos fazendo algo. Nós não temos infalibilidade sobre o que

realmente está acontecendo em nosso interior, mas temos autoridade para expressar o que nos parece estar acontecendo em nossas experiências conscientes.

Outra vantagem do método defendido por Dennett é que ele permite utilizar o lugar de observação da terceira pessoa, que é a forma empregada pelas teorias científicas.

“A heterofenomenologia é o estudo dos fenômenos em primeira pessoa do ponto de vista em terceira pessoa da ciência objetiva. [...] ela aproveita a nossa capacidade de *compreender e interpretar* atos linguísticos, produzindo um catálogo *daquilo que o sujeito acredita realmente que seja a sua experiência consciente*. Este catálogo de crenças enriquece o *mundo heterofenomenológico* do sujeito, o mundo segundo si, o mundo subjetivo do sujeito”. (Dennett - 2014, p. 368 – tradução nossa)

A narrativa feita pelas outras mentes são vistas como sendo feitas de uma forma ficcional, dessa forma podemos saber muitas coisas sobre uma representação sem precisar saber exatamente como ela ocorre. “Podemos comparar a tarefa do heterofenomenólogo de interpretar o comportamento dos sujeitos com o de um leitor no ato de interpretar uma ficção”. (Dennett - 2009, p.92 – tradução nossa)

O interpretador vai analisar as experiências relatadas da terceira pessoa como se fosse uma informação ficcional, isso adia o enfrentamento do problema de diferenciar o que é ficção do que é realidade para o sujeito narrador.

“O heterofenomenólogo, permite que o texto de um sujeito *constitua o mundo heterofenomenológico* do sujeito, um mundo que surge do texto (interpretado) e indeterminado. Isso permite que o heterofenomenólogo adie o problema espinhoso sobre a relação que pode existir entre esse mundo (fictício) e o mundo real”. (Dennett - 2009, p.96 – tradução nossa)  
“O método heterofenomenológico não questiona nem aceita como totalmente verdadeiro as afirmações dos sujeitos, mas mantém uma neutralidade construtiva e compreensiva, na esperança de compilar uma descrição *definitiva* do mundo como aparece ao sujeito”. (Dennett - 2009, p.98 – tradução nossa)

Mesmo que seja ficção, o que o relatante da experiência diz, vale e proporciona um texto que, se for interpretado segundo as regras da heterofenomenologia, vão definir como é o mundo da terceira pessoa consciente que está narrando suas experiências. De uma forma ou de outra, quem fala, está falando de si mesmo.

Ao interpretar o que o narrador das experiências relata, Dennett vai utilizar a atitude intencional, ou seja, vai tratar o relatante como um agente racional que tem crenças e desejos que revelam intencionalidade e que podem ser explicadas. As

palavras da terceira pessoa “devem ser interpretadas como coisas que os sujeitos *queriam dizer*, ou proposições que *queriam declarar*”. (Dennett - 2009, p.91 – tradução própria)

### 5.2.1 – Crítica à Heterofenomenologia

John Searle critica a heterofenomenologia e o que ele chama de funcionalismo científico de Dennett com os seguintes argumentos:

“Para Searle, a recusa dos qualia por parte de Dennett deriva de dois axiomas defendidos por ele: “a objetividade da ciência” e o “verificacionismo”. Searle alega que a maior falha de Dennett resulta em restringir-se à afirmação e que a ciência usa métodos objetivos (terceira pessoa: perspectiva pública) e que, para o verificacionismo, nada existe que não possa ser verificado por métodos científicos, interpretados dessa maneira. Dado que a objetividade científica ainda não alcançou a consequência exigida por Dennett (ao menos não com respeito à objetividade dos estados mentais e a da consciência), Searle não aceita tal concepção porque a objetividade epistêmica não impede a subjetividade ontológica do objeto em questão”. (Rodrigues – 2014, p.10)

Maturana e Varela também oferecem uma visão diferente da de Dennett sobre o conhecimento e suas possibilidades:

“O fato de que o conhecer seja o fazer daquele que conhece está enraizado na própria maneira de seu ser vivo, em sua organização. Sustentamos que as bases biológicas do conhecer não podem ser entendidas somente por meio do sistema nervoso. Parece-nos necessário compreender como esses processos se enraízam na totalidade do ser vivo”. (Maturana – 2011, p.40)

## 6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dennett é um filósofo vivo, ativo e mediático, que busca no naturalismo materialista explicações para suas crenças ou não crenças. Um filósofo contemporâneo com todo teor das palavras. Discute assuntos atuais embasando-se nos seus estudos teóricos. Se autodefine como um filósofo que estuda a consciência e a define com uma simplicidade espantosa: “Atividade cerebral significativa”, (segundo Prof. Dr. John Bolender, que a ouviu do próprio Dennett em resposta à pergunta: O que é a consciência?).

Em Darwin ele encontrou os fundamentos para o surgimento e o processo de desenvolvimento da vida, que por acaso gerou um cérebro, que por acaso gerou uma

mente e por acaso desenvolveu a consciência. Não existe vida que anteceda a vida, nem uma mente por trás da mente, nem uma consciência anterior à consciência, naturalmente o mundo material gerou a vida, a mente e a consciência.

Dennett é um neodarwinista e dá à Darwin uma interpretação própria, inserindo nas teorias do pai da seleção natural o conceito de algoritmo, que traz a vantagem de fazer uma ligação direta entre o surgimento da vida e a inteligência artificial, que, segundo Dennett é uma possibilidade coerente ainda não desenvolvida em sua totalidade. O algoritmo também reforça na biologia a ideia de que a vida e nossa consciência são o resultado de um processo coerente e autoexplicativo, e não de uma criação metafísica. A consciência é o resultado de um processo auto-organizativo, não a sua finalidade.

O processo que leva do surgimento das primeiras moléculas que conseguiram se conservar e replicar à consciência, é um projeto de acúmulo de pequenas mudanças que conseguiram se preservar, uma “variação geracional e acoplamento estrutural”. (Maturana – 2011, p.113). Um acúmulo de projetos algoritmos que deram certo na geração e na adaptação ao ambiente. E nossa consciência não foge à regra.

Muitos desses projetos foram gerados, modificados aleatoriamente e testados por milhões de anos, como os diversos olhos (órgãos de percepção da luz) existentes na natureza. Outros, como a mente e a consciência, conseguiram se desenvolver em poucos milhares de anos, com a vantagem de poder testar em um ambiente interno, a imaginação, as diversas possibilidades de ação nos mais variados ambientes.

Imaginar que outros organismos vivos possuem uma intenção e vão agir segundo ela é um instrumento gerado e acoplado pela consciência para poder prever e preservar o organismo à que essa consciência pertence, ou de que ela pensa ser sócio-proprietária. A essa imaginação Dennett chama de estratégia intencional, e o acúmulo de diversas atitudes intencionais e a estratégia intencional olhando para o organismo a que pertence, Dennett chama de sistemas intencionais, que somos nós.

A consciência que temos de nós e do mundo é o resultado da intencionalidade de cada uma das partes que nos compõem, de todas as partes, sem exceção. Os neurônios e o cérebro tem um grande papel a desempenhar na formação da mente e da consciência, mas o cérebro não é o grande comandante em chefe do restante do corpo, ele está mais para um centro de instrução e comunicação da homeostase, sem

regras rígidas. Em outras palavras, o pano de fundo do teatro da função cerebral é o manter o equilíbrio do organismo, mas a peça a ser representada no palco de cada indivíduo pode ter variáveis quase infinitas.

Para Dennett, o eu consciente é o resultado da interação de diversos “eus” que não conhecemos porque não foi o eu vencedor para se apresentar no palco da vida. Quase literalmente, o eu consciente é o que está sob os holofotes, mas as luzes não vêm das alturas metafísicas, e sim do pano de fundo do equilíbrio do organismo, ou homeostase.

Pelo motivo acima exposto é que não podemos separar mente e corpo, o teatro não funcionaria, e Dennett é um funcionalista. Mas e nossas ideias, o pensamento, a cultura, a moral e a linguagem, o que são? São memes. E o que são memes? São entidades não físicas e não metafísicas com a capacidade de se replicar. “Exemplos de memes são melodias, ideias, slogans, as modas no vestuário, as maneiras de fazer potes ou de construir arcos”. (Dawkins – 2007, p.330).

Alguns memes nos beneficiam, outros são destrutivos, outros são parasitas, outros são simplesmente e prazerosamente inúteis, exatamente como podem ser ideias, pensamentos, culturas, a moral e a linguagem.

Dennett é um naturalista materialista que busca mesclar filosofia e ciência, e os memes parecem estar em dissonância nessa busca, pois são de difícil entendimento para a metodologia científica. Para resolver este e outros problemas, Dennett propõe a heterofenomenologia para conhecer o que se passa na mente das pessoas. A heterofenomenologia elimina o eu, o que eu penso de mim é visto pelos outros – os cientistas – como uma representação, uma ficção. Da mesma forma eu – como cientista – vou entender o relato dos outros como se aquilo é como eles representam o que estão vivenciando, também de forma ficcional. O cientista entende o que as pessoas dizem como se elas realmente acreditassem que a sua experiência consciente é daquela forma.

O heterofenomenólogo vai interpretar os relatos em primeira pessoa como sendo os relatos de um sistema intencional com crenças e desejos e que naquele momento crê e deseja o que está relatando.

Acreditamos que muitos dos pensamentos de Dennett ainda carecem de uma comprovação científica mais elaborada, que em diversos momentos de seus escritos

ele diz estar constantemente buscando em diversas áreas do conhecimento. Mas mesmo com a ausência de alguns fundamentos, acreditamos também que Dennett é um dos únicos filósofos que consegue idealizar teorias que trilham todo o caminho desde o surgimento da vida até o estabelecimento da consciência, consegue explicar de forma coerente o caminho que leva do vital ao mental.

Esperamos ter contribuído para melhorar o entendimento de certa linha de ligação entre as diversas teorias desse autor, em uma sequência coerente.

## 7 - REFERÊNCIAS

BRITO, Adriano Naves & REGNER, Anna Carolina. 2012. Ecos de Darwin. São Leopoldo: Unisinos.

CHOMSKY, Noam. 2005. Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente. São Paulo: Editora Unesp.

DAMÁSIO, Antônio R. 2012. O erro de Descartes. São Paulo: Companhia das letras.

DAMÁSIO, Antônio R. 2013. E o cérebro criou o homem. São Paulo: Companhia das letras.

DAWKINS, Richard. 2007. O gene egoísta. São Paulo: Companhia das Letras.

DENNETT, Daniel. 1981. L'io della mente. Milano: Adelphi.

\_\_\_\_\_. 1986. Contenido e conciencia. Barcelona: Gedisa.

\_\_\_\_\_. 1990. La stratégie de l'interpréte. Paris: Gallimard.

\_\_\_\_\_. 1995a. La conciencia explicada. Barcelona: Paidós.

\_\_\_\_\_. 1995b. A natureza da Inteligência. São Paulo: Editora Unesp.

\_\_\_\_\_. 1996. La diversité des esprits. Paris: Hachette.

- \_\_\_\_\_. 1997. Tipos de mentes. Rio de Janeiro: Rocco.
- \_\_\_\_\_. 1998a. A perigosa ideia de Darwin. Rio de Janeiro: Rocco.
- \_\_\_\_\_. 1998b. La actitud intencional. Barcelona: Gedisa.
- \_\_\_\_\_. 1999. Brainstorms. São Paulo: Unesp.
- \_\_\_\_\_. 2004. La evolución de la libertad. Barcelona: Paidós.
- \_\_\_\_\_. 2006. Dove nascono le idee. Roma: Di renzo.
- \_\_\_\_\_. 2007. La naturaleza de la consciência. Barcelona: Paidós.
- \_\_\_\_\_. 2009. Coscienza Che cosa è. Roma: Laterza.
- \_\_\_\_\_. 2011. Quebrando o encanto. São Paulo: Globo.
- \_\_\_\_\_. 2013. Pensar a Filosofia. Porto Alegre: Arquipélago.
- \_\_\_\_\_. 2014. Strumenti per pensare. Milano: Raffaello Cortina.
- FISETTE, Denis. 2000. Philosophie de l'esprit. État des lieux. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin.
- HEIL, John. 1998. Filosofia da mente. Uma introdução contemporânea. Lisboa: Instituto Piaget.
- HORGAN, John. 2002. A mente desconhecida. São Paulo: Companhia das letras.
- LAND, Marcelo. 2001. A mente externa. Rio de Janeiro: Garamond.
- MATURANA, Humberto R. & VARELA, Francisco J. 2011. A árvore do conhecimento, as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Palas Athena.
- MORA, Francisco. 2004. Continuum, como funciona o cérebro. Porto Alegre: Artmed.
- NICOLELIS, Miguel. 2011. Muito além do nosso eu. São Paulo: Companhia das letras.
- RODRIGUES, Márcio Francisco. 2014. A consciência inexplicada: as críticas de Searle ao funcionalismo de Dennett. Dissertação de Mestrado – Programa de pós graduação em filosofia. São Leopoldo. UNISINOS.
- ROSE, Steven. 1984. O cérebro consciente. São Paulo: Alfa-Omega.
- SQUIRE, Larry. 2003. Memória, da mente às moléculas. Porto Alegre: Artmed.
- TEIXEIRA, João de Fernandes. 2008. A mente segundo Dennett. São Paulo: Perspectiva.